

A  
BORBOLETA  
ACORRENTADA

# COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

## COORDENADOR

Antônio Martins Filho

## CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho

Joaquim Haroldo Ponte

Geraldo Jesuino da Costa

## CAPA

Eduardo Campos

## MONTAGEM DA CAPA

Assis Martins

## EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto Dantas

EDUARDO CAMPOS

A  
BORBOLETA  
ACORRENTADA



UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

1998

Campos, Eduardo

C186b A borboleta acorrentada / Eduardo Campos. – Fortaleza: Casa de José de Alencar / Programa Editorial, 1998.  
134p. (Coleção Alagadiço Novo, 154)

1. Contos 2. Literatura cearense I. Título (Série)

CDD: B869.34

CDU: 869.0 (813.1)-34

**Coriolano:** *Oh! mundo, como são caprichosas  
tuas vicissitudes.*

**Trono e Cressida, Shekespeare**

**Creonte:** *Só os parentes podem, sem ofensas  
aos deuses, ver e ouvir as desgraças da família.*

**Rei Édipo, Sófocles**

*“No hay cuento sin un queré,  
ni un romance sin prinsesa,  
ni una historia sin mujé.”*

**Alvárez Quintero**

*Para Nedinha, Elnina e  
Eduardo, meus, de coração.*

## SUMÁRIO

Drama de rua, ao entardecer, p. 11

Palavra de Rei não Volta Atrás, p. 19

Depoimento ou Descrime com Muito Amor, p. 25

O Reencontro, p. 33

À Viúva de Anágua, Canário e Gato, Tudo Pode Acontecer, p. 41

A Venda dos Móveis, p. 51

Exercícios Ajudam, p. 59

O Enterro ou a Casa sem Cão, p. 67

A Borboleta Acorrentada, p. 73

Coração de Mãe não se Engana, p. 81

A Prótese, p. 89

O Pesadelo, p. 99

Os Gordos e a Magra, p. 109

O Tamanho da Dor, p. 117

A Carta Anônima, p. 125

**DRAMA DE  
RUA, AO  
ENTARDECER**





**E**ra como se dava todas as tardes, logo atenuado o calor. Tudo que acontecia por então, na rua, parecia entretecer os vagares de cada um com as coisas transcorrentes. Assim a senhora do sobrado aparecia na varanda, recendendo a extrato e a leve odor de talco de jasmim, enquanto os seus olhos de muito olhar e pouo ver ignoravam o vendedor de pão da tarde, ou o ir-e-vir de tantos, por motivos os mais diversos (às vezes até inconfessáveis), ganhando a rua... E ela, por cima de todos, lá do alto, sentia-se realizada, dona de seus próprios pensamentos e refrescada de cheiros que lhe alvoroçavam indistintas lembranças.

A espaços, a senhora do sobrado exigia a presença de pessoa da casa, que, demorando em atender, aborrecia. Então dizia com certa asperidade:

– *Você vem ou não vem?*

E a “Você vem ou não vem” – empregada de vida e feições consumidas – também assomava à varanda, toda metida em receios, quase sempre a confirmar tudo que a patroa propunha...

– Aquele tipo não é o mesmo sujeitinho que vem rondar a casa da viúva? Hoje, só mudou a camisa! Meu Deus, como é espalhafatoso!

A outra, em voz sumida e costumeiramente medrosa, arriscava: – Acho não... É nadar!

– E *aquilo?* que é?  
– ... melhor a senhora botar os óculos.  
– Preciso não! São os meninos brincando...  
– E em tom de afetado azedume: – Vá chegando logo pra sua cozinha. Fico melhor sem sua parceria...

A porta da casa defronte abriu-se, deixando sair um rapazinho. Logo atrás, vagaroso, apareceu o velho. Foi quando alguém, do interior, com bastante má vontade, advertiu: – “Cuidado, moleque! Juízo!”

O homem de .idade, acompanhando o empregado e guia, convivia com teimosa névoa a lhe tomar os olhos. Em verdade não mais podia reconhecer as pessoas com quem falava, ainda que demorassem perto. Agora, pisando a rua, de repente achou-se envolvido pelo perfume da senhora do sobrado. Não sem razão quis saber:

– É *ela?* já está lá?  
– Faz é tempo... Desde a passagem do vendedor de picolé.

– E o namorado da viúva?  
– Indagorinha desceu do ônibus.  
– Ah,... – considerou o homem, depois de breve tempo, como se algo estivesse errado. O Estou saindo tarde, hoje. Já vi que vou demorar pouco, tomando ar na praça...

Ao alcançarem o primeiro banco do jardim, as vozes das crianças retomaram o refrão de cantiga de roda, algo muito doce e sentimental, que ele imaginou estar ouvindo em seu passado. Foi o suficiente para sentir-se mais dolorido em sua condição de pessoa desamparada.

E se sentou, tocado. pela incômoda sensação de desamparo e abandono. Depois de breve instante, chamou:

– Francisco... Você está aí: e mais inseguro, tornou a falar.

– Onde você se meteu, menino?

Um carro buzinou; outro, rente à calçada, passou carregando pessoas ruidosas. O ônibus estacionou na esquina, para desaparecer um passageiro abusado, a reclamar o valor do troco da passagem. Palavrões. Xingamentos.

A senhora da varanda do sobrado chamou a “Você vem ou não vem”. Reparasse, referia, o doido do Francisco – um grande irresponsável! abandonara o pobre velho e agora, muito curioso, do outro lado do passeio, vigiava o furgão da padaria.

– Grite alto, chame de volta aquele imbecil! Onde já se viu uma coisa dessa?!!

– Era *bom* eu descer, ver lá embaixo... A gente falando mais de perto é melhor.

– Aí você vai se grudar, pergunta que é, e não retorna tão cedo! Lhe conheço as manhas... Quero que grite.

– “Você vem ou não vem” resistia:

– Melhor mesmo eu descer... De perto ajudo mais. Afinal a senhora do sobrado, decidida, debruçou-se no peitoril da varanda, a voz empostada, nervosa:

– Moleque, retome ao banco! O cego não pode ficar sem companhia! Estará doido?!

O barulho prosperara, bastante intenso. Mais carros, mais coletivos barulhentos, e como se não bastasse tudo isso, um automóvel, de alto-falante montado na capota, anunciava os “preços inacreditáveis” do “dia D da economia”.

Ao velho acudiu então vontade de levantar-se, não obstante desvanecido, e, ainda que trôpego, ir-se dali, a recolher. Era perigoso, sabia, deixar a praça, desafiar o tráfego. Podia acabar morto.

Refluiu da idéia insensata e, instintivamente, mais a jeito e resignado, acomodou-se outra vez, a olhar para o que não podia ver. Estava assustado. Não apreciava ficar sem alguém por perto, sem companhia, a se considerar um ser qualquer, diluído no tempo...

Não, não estava só, se disse a si mesmo. As crianças continuavam cantando. E só por isso não podia escutar, distintas, as palavras gritadas do sobrado.

Mas de repente – e tudo ocorreu de modo bastante inesperado – ele percebeu que pessoa atrevida lhe arrebatará o relógio do pulso, e, ligeiro, com mão pesada e agressiva, já alcançava os seus pés, enquanto ia comandando exigente: – **Os sapatos! Os sapatos!**

Quando cessou a ação desse intruso, pôde compreender que perdera o relógio de fingir... e restara descalço. A “Você vem ou não vem”, perto dele, ofegava pela carreira a que se impusera até ali.

– Pelos céus, lhe tiraram tudo, até os sapatos!

Refeito do susto, trêmulo, esclarecia:

Ah!, o meu relógio, os tênis...

A voz escapara-lhe em desalento e magoada.. Tornou repetir:

– Meu relógio...os tênis...

Quis acrescentar mais, e não pôde. Em verdade não encontrou palavras para descrever a cena, o vexame vivido, a horrível ação da mão áspera e rude arrebatando-lhe as coisas.

– Meu Deus, o que aconteceu ao meu patrãozinho?!

Era Francisco, atarantado, ante o infortúnio do outro. E cobrava explicações, novos detalhes, a se valer de quem, por acaso estando por perto, houvesse testemunhado o imprevisto. “Tinham batido no patrão? Carregaram os sapatos?”

Como se. prestasse depoimento, alguém explicava: – Os artigos roubados eram de primeira. E secundando: – um enorme prejuízo para o cidadão.

Cercado agora pela multidão, a vítima aceitava a deplorável situação, a assumir o drama. Dava-se por personagem principal, mais ficcional que real.

- Ah, meu rico relógio de herança!
- Já tinham oferecido dinheiro nele?

Atarantava-se para explicar, e a perceber que não podia decepcionar aquela gente solidária, não confessou, por exemplo, que o relógio nem corda mais pegava, e os sapatos, bem, os sapatos fediam de tão surrados, bons só de aparência. No interior de ambos a palmilha, lacerada, não mais impedia que a sola do pé tocasse ao chão – O homem é de família, tinha tudo de bom! – acudiu um desconhecido. – Ladrão de hoje só quer artigo de moda. A tanto ele aquiescia, a voz insegura, circunstância que dava aos presentes o exato sentimento de perda dolorosa.

Já de pé, deixando o banco, viu-se cercado de mais atenções, reconfortado como jamais ocorrera antes.

– Por aqui, senhor... Cuidado, senhor – recomendavam as vozes.

Por um instante pensou que também o invejavam...

Foi andando, a pisar o chão, diabo de chão quente, forrado de areia e pedrinhas incômodas! Mas agüentou firme a caminhada vagarosa em direção a casa da nora, onde morava.

Atrás, em alvoroço, o cortejo azafamado de pessoas, biscateiros, e desocupados, todos álacres, empurrando-se uns aos outros.

Assim atravessaram a rua, enquanto os automóveis paravam; até o ônibus circular demorou no estacionamento, enquanto o motorista e passageiros metiam a cabeça às janelas, querendo saber “que diabo era aquilo...”

Do alto da varanda do sobrado a senhora perfumada, impaciente, não perdia sequer um momento do acontecimento. E quando o ancião ficou mais ao alcance de sua voz, fez questão de comentar em tom bastante altanado:

- Bravo! Que homem! Que resistência!

Foi o bastante para ele começar a chorar, o rosto crispado pela emoção. E a multidão a imaginar que lhe doíam os pés na caminhada pelo asfalto marcado de pedriscos... .

Apenas ele sabia de seus próprios sentimentos, pensou. Se não o houvessem despojado do relógio, um traste sem corda, e dos gastos sapatos, já cambados, seguiria sendo até o final de seus dias simplesmente o “velho”..., o “velho”..., o cego” ...

Antes de penetrar na casa e envolver-se na penumbra do corredor, acenou vivamente em direção da senhora do sobrado, deitando um longo e derramado olhar de gratidão para a “Você vem ou não vem” que o acompanhara em todo o percurso, consolando-o.

E se sentando na rede armada no quarto, entre cadeiras de palhinha e coisas sem serventia, largadas ali como ele, abriu o rádio no programa policial, a esperar a notícia sobre o assalto que acabara de viver.

Era gente outra vez.

**PALAVRA DE  
REI NÃO  
VOLTA ATRÁS**



**D**ormiu mal, a noite encompridada e toda entranhada de sonhos agitados e pesadelos. Deixou a rede estremunhado, vendo o lençol amarfanhado. A boca amargava; o sangue parecia esquentar-lhe o corpo. E, insidiosa, a prosperar a sensação de mal-estar, um quer que fosse que o fazia mais impaciente, a torcer para o dia clarear de vez.

Até sair do quarto, tropeçou em algo que restara no chão, o que fez a esposa reclamar:

– Que diabo é isso?

– É *risco!*

A exagerar os movimentos, o dono da casa alcançou a porta da frente. Queria ter certeza do tempo que fazia, se o dia transcorreria de sol... Não, não assim...O amanhecer, no entanto, corria empenumbrado, a ameaçar chuva iminente.

– Inda mais essa!

Tornou ao interior da casa, alvoroçada a voz, a explicar decidido:

– Vou até lá fazer o que já devia ter feito antes! Quero ver o canalha pagar o seu atrevimento...

A mulher acudiu, a intuítos de contornar:

– Baixe o fogo! Pense primeiro na família, em mim que já estou mais pra lá do que pra cá...



– E como é que eu fico? Hem? Como? Desmoralizado?  
– Esperando a vontade de Deus.  
– Você devia estar num oratório... – debochou.  
– Pense duas vezes.  
– Já pensei, decidi, vou botar o pé na estrada. Se quer me ajudar, não se meta.

Trocou de roupa sempre resmungando. Acendeu o cigarro. E pressuroso, a enfiar o chapéu na cabeça, saiu pela porta do alpendre cobrando a presença da cavalgadura em que pretendia montar.

– É muita demora!!!

Enquanto aguardava o animal, mal podia conter a impaciência. O cigarro pendia-lhe dos lábios, esbraseado o tempo todo. Enquanto isso, os minutos abalavam, o vento parado, a sensação de desconforto, a impressão de chover a qualquer momento.

– Melhor romaria faz quem fica em sua própria casa. Não ouviu mais, pois já cavalgando, sob o céu coberto de nuvens, partia. Até à fazenda do compadre, com quem se desaviera, não seria caminhada mais de légua. E nessa fração de tempo, até lá chegar, ele pretendia consertar as palavras, uma ou outra frase de efeito para o primeiro contacto com o desafeto.

Tão ensimesmado. ia andando que não se deu conta de que por cima dele e das árvores havia agora, cerrada, uma cortina de pingos a preceder o estalar de chuva impetuosa, tangida por inesperado vento.

– Bonito, que bonito! – murmurou, a considerar que a partir dessa manhã as relações do agricultor com a natureza, assumiam novo compromisso. Desse modo, breve, estariam todos revolvendo a terra, a abrir covas para situar o plantio. E, a toda certeza, sua desforra ter-se-ia cumprido.

– Hum..., não podia esperar. – murmurou. – O que tem de ser logo feito, não se deixa para depois.

Logo o cavalo arfou, desafiado pelo aclive, trecho mais áspero do trajeto que empreendia. Mais alguns metros à frente o terreno tocava de descida e então podia estar certo de que ia ficando mais perto de cumprir sua missão. Ah... – pensou consigo mesmo – não esperariam muito para ver sua maneira de falar, de repelir ofensa... A tanto a chuva aumentou, indiferente ao vento rebelde que refluiu à condição de cariciosa e úmida brisa... .

Tomou abrigo em rochedo enorme que estava ali plantado, há anos, ameaçando desabar. E não se conteve diante da natureza molhada: – Meu Deus, como de repente muda tudo...

Não tardou, já atenuada a chuva forte, reincetar a caminhada por um cabeço alto, onde não se demorou envolvido por entufados de arbustos, e logo a deparar uma nascente a jorrar de entre dessarrumados pedrouços, em marulhar que mais sugeria convite a banho. Apeou-se, relutante, ajuizando o tanto que ainda havia de andar até o término da viagem... e então cumprir a palavra.

Desembaraçado, o cavalo foi contentar-se ao capim apetecente. E ele, sem mais outra idéia, desvestindo-se, sô-frego, largou-se na água borbulhante.

Decididamente não aguardava isso.

Caminhara tão impregnado de azedume, que nem por sombra imaginou experimentar o momento selvagem mas apaziguante, que deparava. E se deixou estar dentro do córrego, ouvindo-lhe os sons quais palavras fossem. E palavras eram, podia jurar, pois começava a entender o que queriam dizer. Quanto tempo ficou admirando tudo? Se indagado, não saberia responder.

Mas via confirmado o seu bem-estar. A felicidade, de que tanto falavam, não era mais que um instante qual aquele, de abandono e liberdade inocente. Riu.

Havia um sentimento de paz.

Por cima dele azafamava-se a natureza entretecendo liames e flores, tudo matizado de tons que contentavam a vista acostumada a dias ensolarados, antes. E a tanto cuidou chegada a hora de acabar a folga de piquenique, e sacudir a água do corpo, e tomar a roupa, e abalar...

Tardos os gestos até enxugar para vestir-se.

– Que dia! A toda certeza um belo dia!

Compreendeu então quão doloroso era apartar-se desse mundo, que bom mesmo era restar ali no mesmo lugar desfrutando a paz que se encastoava na natureza qual quadro de composição escolar; o cavalo, animal de sonho, naufragava no capim alto e virente. E também feliz.

Agora, ao redor dos dois, do homem e da alimária, a paisagem lasciva, penetrava-se de furtivo sol que acudia a ignorados desvãos, a conferir até aos sítios mais escondidos e ensombrados uns chispados de tímida luminosidade.

Chilreando, a desfazer o molhado de vistosas plumas – amarelas, azuis e vermelhas –, uns pássaros, como que criados por Deus àquele instante, arremeteram trêfegos para o espaço.

Não estavam sós.

Cúpidas formigas e alados cupins apostavam vôos em franco desafio à fecundação.

Foi quando o homem pensou em antiga frase tantas vezes ouvida em sua” remota infância:

“PALAVRA DE REI NÃO VOLTA ATRÁS”.

Era ele rei?

De rédeas afrouxadas, assumidamente livre, a alimária voltou a tosar o pasto luxuriante.

E o homem, depois de resguardar a roupa embaixo de uma pedra, em incontida pressa, foi meter-se na água outra vez.

**DEPOIMENTO  
OU DESCRIME  
COM MUITO  
AMOR**



— **V**á contando o caso como tudo sucedeu.

– Doutor, não é tão fácil, não! Ah se fosse!

– Vá em frente. Conte então do seu jeito.

– Não, do meu jeito não! É como aconteceu.

– Pois conte, vá falando.

– Primeiro eu tenho mesmo de explicar que em toda a minha vida sempre tive vontade de ter mulher só minha. Ganhava pouco, era um *lascado* com licença do deboche. Era. Também o que se podia esperar de tirador de leite, o tempo todo agachado ao pé da vaca, levando bufa na cara e salpico de mijo?

– Isso não vem ao caso.

– Não vem? Tinha mesmo graça! Fosse o doutor nessa desgraça, com toda certeza até ia poder compreender a dor, o sofrimento das criaturas...

– Pois conte como quiser.

– Eu não passava de um miserável, mas como todo homem tinha também desejos, e um desses ter mulher dentro de casa, para cuidar das panelas, do feijão, e me servir nas minhas intimidades. Vi logo que não seria fácil. Eu não tinha boa roupa, nem sapato, andava o dia todo de pé no chão. O patrão nem ligava. Queria saber de outras coisas, se alguma vaca estava sofrendo, se havia bicho mastigando pouco, dei-

xando de comer. “Algum bezerro molenga? Conta...” Mas nunca perguntou pela minha saúde, se me doía a barriga. A mulher dele...

– Isso é outro arroteio. Vá direto ao assunto.

– Ora arroteio, que arroteio que nada! O doutor depois de me escutar, vai começar a me compreender melhor.

– Adiante, homem, adiante! .

– A mulher dele não era má pessoa, esclareço, mas nunca me ajudou. Certa vez careci de dinheirinho adiantado, coisa de ponta de lenço, era até pro casamento. Mandou a criada me avisar que não podia, o marido andava em crise... Pensa que liguei? Nem pouco! Passei a juntar uns trocados, pega dali, pega daqui..

– E a vítima entra onde?

– Doutor, a vítima sou eu, acredite. É melhor me deixar ir contando, que não estou aqui a fim de esconder nada. Só digo a verdade.

– Vá, vá falando.

– Bem,. vi a Dalva pela primeira vez na casa da patroa. Pequena, baixota mesmo, o cabelo nem penteado nem tampouco desembaraçado... Uma graça! E mais: era muito, mas muito mesmo desarrumada de frente...

– De *frente* como?

– Com licença da palavra, de peito. O dela era mais que escondido, todo sujigado por debaixo dos panos. Daí os apelidos.. Havia até um de meu abuso: fruta amassada.

– Não há nada nisso nos autos.

– Era pra ter, que tudo é verdadeiro. Aí eu fui em frente, me encostando, ficando junto...

– ... Junto como.

– Vigiano, vigiano, olhando bem de perto até ser correspondido. Então nós dois começamos a nos querer, eu a dar dinheiro a ela, aconselhando: “Dalvinha, tu te ajeta, vai

tratando de comprar um vestidinho, pente, um sabonete pra perfumar e limpar o teu corpinho.” Ela, obedecendo, tão boazinha...

– Ela gostava de você?

– Sei direito não, mas eu apreciava ela demais!

– Vá em frente.

– Não custou a gente se casar. Segui tirando leite, e ela, na cozinha do patrão, trabalhando. De sabença, fazia tudo que a boca gosta de comer!

– Felizes?

– Sei de mim! Era. Gostava dela, da boa criatura que me agradava... A rede, preciso falar a verdade, nunca foi grande pra nós dois. E assim nesse andar, nunca deixei de vigiar a vaidade dela: “Dalvinha, não relaxe... Não deixe de comprar os cheiros...

– E relaxou alguma vez?

– Tenho pra mim que não, pois deu em gostar de andar passeando por todo lugar, sempre de vestidinho novo, os cabelos penteados, um perfume danado entranhado nela, cheiro bom de tomar à venda. Mas isso durou de três a quatro anos. Já por aí não era mais de mangoças...

– Explique-se melhor.

– Não recebia mais implicâncias, nem apelidos, que a cunhã por esses dias já agradava a todo mundo. Ah, é preciso suspirar! Antes eu a tivesse deixado amassada, o peito murcho.

– O que vem em seguida?

– O circo...

– Circo? O que tem a diversão com o casal?

– Também ignorei. Mas tudo começou quando a diabinha quis ver a animação do palhaço. A gente foi lá um montão de vezes. Ela botava o vestidinho mais vistoso, toda perfumada, pingava *cheiro* até no lencinho que metia no escondido do peito... Aí a coisa começou, nem sei como aconteceu.

– Aconteceu o quê?

– Havia um sujeito no circo. Na verdade nem artista era, só trabalhador... O tempo todo o safado olhando, vendo ela, nem se importava comigo perto. E a mulher, doutor, também não se vexava nem pouco. Muito dengosa, toda sorrisos, derretida para o estranho, e eu a fazer vista grossa, a sufocar o ciúme como se nada houvesse. Aí ela avexou-se pra não perder nenhuma função do circo...

Ah, meu Deus! Da última vez meteu-se num vestido que lhe descia apertado até as saliências de detrás, lugar onde nela estava o viço... Então achei chegada a hora de falar seriamente. Abri o jogo, tal e tal, assim, assim, dizendo ter presenciado tudo, não era tolo, sabia enxergar... Mas até, ainda que doesse, eu podia perdoar, passar a borracha...

– ... depois.

– A gente tem de dizer tudo, mesmo com vergonha? Ah, meu Deus! Veio o pior. Eu saía de casa pro trabalho e ela então se aproveitava. Corria até o circo. Uma vez fui testar a desconfiança, a casa não tinha ninguém, o vento entrando pela porta da frente e saindo pela dos fundos... E eu só na espera, aguardando. Quando ela voltou, vinha enfeitada como se fosse em dia de missa. Fui avistando a mulher, logo me cheguei ao seu corpo. Desgraçada! nem sinal de extrato; era como se alguém embolando com a criatura houvesse engolido o perfume todo...

– Deu nela? Não me esconda nada. Quero toda a verdade. Deu nela?

– Não, doutorzinho... Deus me livre! Abri-lhe os olhos, invoquei o passado e mais uma vez repisei o tempo em que ela era um tiquinho de mulher, o cabelo assanhado, desgrehnada, a cara sem ruge e pó. O doutor ligou? Assim foi ela. Então...

– Então?



– Falei brabo! Tivesse vergonha e me respeitasse. Isso! Assim. Até apresentou sentimento, e chorando nessa hora me garantiu negaceando: “Você está maldando; só fiz mesmo olhar pra ele...” Não prestou. Engrossei a voz e lhe dei um chega pra lá: “Se está pensando ir embora com o circo, desista! O circo vai, mas você fica.” E ajuntei, mais calmo: “Sou doido por você, mas não perco você, não! Só eu sei o trabalho que tive pra lhe enfeitar.” Ai, meu Deus, fico sem fôlego nesse relembrar!... Preciso dizer mais?

– Desabafe... – Olhei bem nos olhos dela, muito de homem mas me sentindo fraco, rasteiro que só esteira de forrar o chão... E ajuntei baixinho: “Você pode me fazer de palhaço, mas tem de viver comigo, cozinhar meu feijão e se deitar na minha rede.” Ah, doutor, a desgraça foi ela querer seguir o circo! Não prestou não!

– Sim, sim. Adiante.

– Foi hora difícil aquela em que a Dalvinha falou não mais aceitar continuar comigo, dividindo a rede... Falou isso assim tão sem compromisso como se estivesse recusando um café requentado. Então pegou a bolsa, foi metendo nela umas coisas de mulher, e eu olhando, olhando mas sem ver: “Você está a fim de me deixar?” – perguntei sem nem acreditar. E’ ela logo me respondeu numa indiferença cruel: “E tu não vê? Estará cego? “

– Deu-lhe então duas facadas?

– Só.

– Continue. Você tem de abrir a sua consciência e contar tudo. Vamos.

– Pra que, doutor? O senhor jamais vai entender que ela já me matara desde uns dias atrás. Assim, naquela maldita hora quem acabou com a vida da Dalvinha foi um defunto...

Segurou a voz que parecia acrescentar algum detalhe escondido, metido não em arrependimento tardio mas na flagrada vergonha que lhe assomava ao rosto, tornando-o rubro.

Deveras arrasado, sucumbido, e inteiramente desinflado de qualquer entusiasmo, ficou murmurando baixo como se lhe doesse mais a confissão que o aço frio das algemas:

– ... apaixonado.

O  
REENCONTRO



**B**atiam palmas à porta. Pessoa de idade, ou alguém com deficiência de visão, lá estava, pois nem cuidou de verificar se havia campainha de anunciar.

– Um momento. – ela disse.

Quando abriu a porta deparou quem chamava. Pela fisionomia teve certeza de reconhecer.

– Eu mesmo. Não se assuste – confirmou a voz. Ficou sem fôlego, entalada, pressionada por aquela coisa estranha que, cheia de esquisitices, é tudo aquilo que surpreende as pessoas a um repente, de modo inusitado.

– Sou *eu*. – repetiu o outro, a respirar cansado.

Ela então pôde ver-lhe todo o desgaste físico, a irremediável fragilidade do homem vencido. Envelhecera mais que o normal. Apresentava o corpo, como um despojo; exaurido; e murcho o semblante, a tez descolorida a modo de não ver sol havia anos. Doente ou convalescendo... dava para imaginar.

– Sou o João. – Sei, sei...

Quase inaudível o que falou, e a tanto ela própria, sob inesperado constrangimento, percebeu falhar, se achando assim como quem de repente sofre a dor de dedo espetado em ponta de agulha...

– Sei, sei...

“Meu Deus... “ – obstinava-se pensando – “não precisava ficar nervosa. Tinha que absorver aquela surpresa, a inesperada presença do homem, *aquilo* que não deveria estar acontecendo assim, depois de tanto tempo... Doze? Quinze? vinte anos?”

– Sei como incomodo mas posso adiantar que antes verifiquei todas essas circunstâncias, inclusive... não queria dizer mas é melhor ser sincero..., você não me *receber*, sei lá! Mas tomei a decisão inadiável, mesmo sabendo das consequências. E aqui estou.

Ela grudara-se ao chão, e seguia tentando comportar-se com educação, não demonstrar embaraço.

– Posso entrar?

– Hem?

– Se me deixar entrar, fico agradecido.

Ela afastou-se da porta, a franquear-lhe a passagem. Mas nada acrescentou, menos amargurada que assustada. O homem avançou e se arriou na primeira cadeira. Nem se acomodara como pretendia, e já a mulher podia deduzir em curta e severa observação: “*Não, não é o mesmo.*” Os anos, doença, sofrimento, nem tinha como precisar, haviam praticado nele terrível erosão. E viu a maleta, de aspecto deplorável, na qual – e de exemplo alguém com mão feminina – por mais habilidade com que se houvesse não teria encontrado espaço para acomodar mais que um. pijama, uns chinelos, duas camisas de muda...

– Faz tempo... – e nisso ficou a reparar os quadros da sala. Não se avistou em nenhum deles. Mas lá estava a dona da casa; a filha mais velha; o filho... Em outro antigo flagrante, a demorar ao lado da efígie do Coração de Jesus, o sogro e a sogra. Havia mais um terceiro, e nesse o pai... Exibia-se de gravata, sério, sisudo... Ah, podia lembrar...

Estivera ali tanto tempo o quadro, a ponto de marcar o espaço ocupado onde a tinta esmaecera, subtraída pela luminosidade do sol, presente nas tardes de verão. Vozes, como em indefinido filme de evocações, alcançavam os seus ouvidos, algo também sem som aparente e ainda nessa circunstância talvez afetado pelo passado... Uma criatura, fora, se anunciava “*já vou, já vou*”, e talvez fosse a voz da mulher em dias bem recuados, vindo encostar a porta, a seu apelo, que murmurava irritado: “Desse jeito, em poucos anos, o retrato do papai vira *alma*..” Na calçada continuava o som de passos... E até isso, irreal.

Ela sentou-se distante, noutra cadeira, como se a figura dele, tão real agora, a assustasse. Não pretendia demonstrar interesse mas o estava avaliando, a lhe medir o rosto, o tamanho dos braços. Recontava-lhe as rugas, aquele vinco pronunciado que intentava descer do canto da boca e, marcante, ia alcançar a ponta do queixo, onde, por muitos anos, exibira sinal negro, preocupante.

– E então?

– Nem sei como começar. Você olha pra mim, vê logo tudo. Estou transparente demais. Tenho consciência de que vou mesmo caminhando para o fim, desamparado.

Demorou, mas deu idéia de que não tinha quem o ajudasse...

Outra vez os passos na calçada, tó-c-tó-c... E ao se apagar o silêncio que veio depois:

– *Ela* largou você?

– Mais ou menos.

– Mais ou menos..., como?

Custou mesmo a responder, ou só impressão dela? E nesse meio tempo o sol acabou por invadir a sala, luminoso

e cruel, como se nada quisesse escondido em algum desvão. Tão intenso, que fez a dona da casa acudir a fechar o postigo da janela.

Ele aguardou vê-la sentar-se novamente, e disse:

– Posso perceber e avaliar todo o seu sentimento, e até imagino o constrangimento que causo.

– Realmente eu não esperava...

– Obrigado.

Calou-se. Dava impressão de não ter nenhuma pressa, e, na verdade tinha. Queria despachar-se, transmitir todo o seu drama, e o queria fazer – ela talvez não admitisse – simplesmente a impulso irrefreável de relatar o motivo principal de sua presença.

– Estou muito, muito doente... – Confessou afinal.

Houve prolongado silêncio até. ela, com dificuldade e angústia, indagar:

– Câncer?

– Coração. E pior. Para o médico que por mais de dois anos me acompanhou, caso difícil.

– Inoperável?

– Isso.

Depois de um momento: – Vou ter de conviver com uma bomba-relógio. Deus, só Deus sabe até quando! – E bastante desanimado: – Creio estar chegando a minha hora. Por isso (ia mencionar “mesmo me humilhando” mas refluiu da intenção) resolvi enfrentar o meu destino. Infelizmente ando sem recursos. Não poderia me agüentar muito tempo, longe... e só. É terrível, na minha idade, passar o dia isolado, sem mão amiga... As noites, preciso confessar, são dolorosas, as horas vão-se arrasando sem pressa.. Tudo muito cruel, difícil de ser compreendido por quem não sofreu antes...

Ela ergueu-se da cadeira, visivelmente angustiada. A vontade era abrir a porta e gritar para os vizinhos: “Corram, não me deixem desamparada!”

Foi a vez do homem afligir-se, e ao mesmo tempo se surpreender diante do sofrimento que ela, sem mais poder controlar-se, exibia no rosto pálido:

– Vamos, acalme-se! Volte para a cadeira.

Enquanto a viu sentar-se outra vez trêmula e descorada, traou de contornar a situação, não mais vexá-la.

– Eu quero apenas um lugar próximo daqui, em casa de cômodo, coisa assim. Meu problema” creia, é saber que em caso de desenlace, algo me ocorrendo de sério, não estarei largado por aí como um indigente de gravata...

E tentando desviar o assunto, atenuar a tensão que havia provocado, perguntou:

– E nossos filhos? Fale-me deles...

– Ah, os filhos ... – Ainda bem, pensou, o marido não os ignorara... – Casaram-se, foram morar distante. O rapaz seguiu para o sul do país. A moça engraçou-se de comerciante argentino. Vivem no exterior.

– Vocês se vêem?

– De raro em raro. Para ser sincera, já vai com mais de cinco anos que nos reunimos pela última vez... De repente tudo foi ficando tão difícil...

– Mantém alguém lhe fazendo companhia?

Não, não... – Respondeu e passou a contar. Apenas, diariamente, pela manhã, recebia a colaboração de uma senhora idosa. De tarde se achava sempre só, a gastar o tempo em arrumar a casa, e pensar na vida (quase disse: *no passado*).

– Infelizmente, respondo por essa situação. Ela não confirmou mas a expressão que fluiu de seus olhos amargurados



pareceu aquiescer de modo tão firme que ele, sem querer, moveu-se nervoso na cadeira. E para disfarçar o constrangimento, mencionou ir-se retirando, terminada a visita...

– Vou tomar lugar numa pensão modesta, aqui perto. E amanhã, espero encontrá-la refeita do choque que lhe causei. Quero repetir mais uma vez, creia-me, não ter tido a menor intenção de magoá-la.

Já de pé, a segurar a maleta:

– Maria, de todo coração, me desculpe.

Ela assustou-se. Pela primeira vez no curso da conversa era nomeada. E isso como que resgatava a linguagem de outros tempos, algo que podia significar entendimento a dois, um novo relacionamento com discussões e perdões.

Ele, a seu turno, também se surpreendeu. E ficou a analisar a sala em que estava, sob outro perfil de apreciação, a ver-se então parte daquelas paredes, dos quadros, do velho sofá, do tapete em que tanta pisara para acionar o rádio e ouvir as notícias do dia...

Como se agora quisesse fugir ao passado, alcançou a porta, para sair.

– João.

Virou-se, tomado de emoção.

Aquele chamamento tinha todo o toque mágico do sentimento de família, que nunca se perde nas criaturas.

E ela em uma só palavra, dizendo pouco, afinal acabou falando muito:

– Fique.

À VIUVA DE  
ANÁGUA,  
CANÁRIO E  
GATO, TUDO  
PODE  
ACONTECER



**E**la desvestia-se a um canto do quarto, para não se ver ao espelho. “Nada de vaidade”?’ repetia para si mesma. Assim repisava desde que se tornara defunto o bom marido, o marinheiro Eudoro, tratado respeitosamente por *comandante*. Em navio algum governara enquanto viveu, mas certo – dizia a viúva – persistia dono de nau desarvorada, o seu coração.

Nada de pó... nem ruge. Ah, como detestava a vaidade! Enfiou os sapatos, a empurrar os chinelos para debaixo da cama, vendo-os por instantes acomodados na frente da caixa de retratos em que recolhia os flagrantes de família, desde o casamento. E então se lembrou do passarinho e do gato, os seus dois companheiros indispensáveis (pelo menos desse modo considerados) ao percurso amargo da ausência do pranteado esposo.

Andou até a varandinha que seguia pegada na área de serviço, a verificar os vestidos e as anáguas pendentes em corda estendida, bafejadas pela brisa. Chamou – *Mimi!* – e logo o gato acudiu. Juntou mais leite à vasilha de ágata que servia ao animalzinho de estimação e supriu de alpiste à gaiola do canário, com o qual dessa vez também *conversou* umas repetidas palavras, coisas desse tipo: “Pensa que não fico triste quando você não canta?” – “Vou providenciar comidinha mais mole pro meu queridão.”

Mas saindo dali esquecia o prometido, pois falava só por falar. Na verdade o que queria mesmo era ver, a modo de lembrar o comandante, a bonita gaiola de palitos envernizados, presente dele.

Antes de alcançar a porta, apanhou umas tantas rosas e dalias, e mais raminhos verdes para fingir buquê como desejado. Com a mão livre passou a chave na porta (duas voltas, repare bem, mulher!) e tomou a calçada, a pisar forte, altiva. Sabia não estar só. Conquanto não visse pessoa alguma à porta das casas, adivinhava as vizinhas, por trás de postigos, dando balanço nos adereços do vestido, em sua maneira de andar, se remexia ou não os quadris, enquanto caminhava.

Indiferente deu de apressar os passos, certa de que tão descabida bisbilhotice na verdade contribuía apenas para valorizar-lhe os bons sentimentos. Valia-se outra vez da atitude – de exemplar viúva – que assumia na sociedade.

Atravessou a rua, a remoer esses pensamentos, julgando-se a mulher mais séria do bairro. Podiam dizer que não passava de dama à antiga; importava pouco. Não gostava de calcinha de *lycra*, adorava a anágua de bastante pano, a horror de ver alguém distinguir-lhe as formas íntimas em algum reflexo de luz.

Ao pisar a calçada adiante, já pelo outro passeio, considerou-se livre da perna de leviana. Nunca fora dessas sirigaitas, que arrocham os peitos, estufando-os, à visão dos maliciosos.

Os dela – ainda que tão apreciados pelo finado – sempre estiveram bem protegidos por porta-seios muito especial, feito em casa, e que concorria, na medida, para disfarçar ao máximo as partes convexas e generosas que sabia ter. Nisso alcançou o . cemitério. E por transcorrer mais refrescada a manhã, animou-se a alongar a demora. Desse modo fez as orações de costume, com tempo de sobra para ver um enter-

ro que chegava, uns homens solenes e tristes e mais mulheres desconsoladas. Havia alguém dizendo a uma senhora que não parava de chorar: “*Ele* vai voltar, é só uma viagem.”

“Não, dessa *viagem* não regressava ninguém!”, teve vontade de comentar. Há anos esperava em vão abrir a porta e experimentar a alegria de rever, cheio de vida e histórias, e presentes, o comandante.

A esse pensar começou a retirar a poeira da lápide em que perdurava, emblemática, a dolorosa data da partida do marido. E tudo, por uns dias – tinha de deplorar – cheios de novas modas, e manias... O homem, a pouco e pouco, optava pelas viagens de avião, enquanto o navio parecia destinar-se apenas a turistas ricos, desocupados...

Sorriu. Como as coisas mudavam! Nem tudo, ajuntou mentalmente, que as suas emoções prosseguiam firmes. Por isso todas as semanas desincumbia-se da sua visita ao cemitério, mais por sentimento do que por exibição à sociedade, que na verdade, para ela, o *comandante* continuava viajando no barco que, plácido, parava sobre o tampo de mármore da mesinha de centro da sala de visita. Bastava ver o brinquedo, de noite, para não se considerar sozinha na cama, já a esses dias móvel grande demais para os seus sonhos e saudade.

Pelas onze horas retomou. Foi entrar em casa e logo pressentiu ter-se passado algo estranho.

– Meu Deus! Esteve alguém aqui.

Mas a pouco e pouco tranqüilizou-se. O navio do *comandante*, impávido, navegava assentado no tampo da mesa. Ninguém aparentemente mexera em nada.

Acudiu a ver a varanda do alpendre. Deparou o gato. E o canário?

– Meu Deus, isso é um desastre! Cadê meu lindo passarinho?

Evadira-se. Não podia acreditar mas lá estava a gaiola de portinhola aberta... Como?!! Sempre se considerara bastante cuidadosa, jamais esquecida de cerrar o trinco.

De tarde, ainda penalizada pelo terrível ocorrido, após refrescante banho, lamurienta, foi sentar-se no sofá da sala. Que perda! Tão bonito o seu canarinho... Como cantava!

Nisso bateram à porta. Ela sungou o decote, ajustando-o ao corpo. Desse modo resguardada, foi saber quem chegava.

Surpresa, deparou à sua frente um cidadão que lhe sorria a jeito de gente bastante educada e de bons modos. Na mão – logo descobriu – o seu passarinho.

– Desculpe incomodá-la. Vi esta avezinha em meu jardim e achei que se tratava de um bichinho de estimação. Ainda tentou voar, mas, extenuada, ficou dócil... Peguei-a com muito carinho, a imaginar entre mim: “Só deve ter escapado da casa de pessoa muito distinta.” Da senhora, com toda certeza!

A mulher, perplexa, confirmou. Pertencia-lhe de fato o valioso mimo. E a voz dele soou mais uma vez de modo bastante claro:

– Não desejo tomar o valioso tempo da madame, mas proponho acomodar o lindo pássaro em sua própria morada.

– Sim, sim!

Fê-lo entrar.

E o viu ir andando na direção exata, como se soubesse há meses o lugar onde pendia a gaiola.

E diante da armação de palitos que, suave, se embalava ao sopro do vento, abriu a portinhola para repor o pequeno fugitivo, delicadamente.

– Nem sei mesmo como isso ocorreu! – Acontece.

Após breve pausa, mirando-a bem nos olhos, com gestos de distinção e cavalheirismo apresentou-se: chamo-me

Pedro. Moro em apartamento aqui perto e estou todos os dias transitando em sua calçada, pelo que já lhe devo algum pedágio. – E depois de pausa, admirando-a. – Creio não lhe ter deixado desapontada. Me considero feliz.

– Muito bom, muito bom mesmo! – Afinal pôde falar, vendo em seguida o vizinho ganhar a rua, a pisar forte, com energia.

Ela ainda teve vontade de ajuntar uma palavra de cortesia; calou. Mas como apreciou o leve perfume de colônia inglesa que ele deixou na sala.

Ao retomar do cemitério, na semana seguinte, a viúva experimentou igual presentimento de dias passados. Havia algo instando-a acautelarse.

Adentrou a casa, o coração em sobressaltos, a ver se não haviam bulido no navio do *comandante*, surrupiado um ou outro adorno de estimação... Percorreu os quartos a inventariar, e com o mesmo objetivo alcançou a sala de jantar. O relógio de bater a quartos de horas, de verniz escuro, estava lá... Os pratos de decorar – um cupido a perseguir meninas sapecas em verde paisagem de pique-nique –, pendiam da parede. Tudo, mas tudo mesmo, aparentemente em seus lugares.

Tomou a direção da varanda.

– Meu Deus! “– exclamou.

A gaiola, impulsionada pelo vento, não abrigava mais o canário. Outra vez de portinhola aberta...

Ainda não refeita do susto, teve mais uma surpresa desagradável:

– Minha Nossa Senhora! o gato sumiu!

E foi a todos os desvãos do quintal, chamando: – Mimi! Mimi! Filhinho querido!

Tornou ao alpendre, toda trêmula e desolada. E foi beber um pouco de água do filtro. Sem se conformar, sentou-

se no primeiro tamborete que encontrou, a se achar a mulher mais infeliz do mundo.

Não demorou o pensamento de que, como antes já ocorrera, logo o *senhor* Pedro estaria à sua porta tendo à mão o seu canário e o gatinho cheiroso.

Cuidou de trocar de roupa, perfumar-se, certa da visita alvissareira. Mas esperou, esperou, esperou...

“Não deve perder a esperança...”, se dizia a si mesma. E a pretexto de arejar a casa manteve os postigos entreabertos. A intenção era ver o homem passar pela calçada.

Mas só daí a dias, ouviu palmas à porta.

Era ele, e dessa vez não tinha nada nas mãos.

Sem se conter, qual falasse a uma pessoa mais íntima, explicou aflita, nervosa:

– Meu passarinho, meu gatinho!

Ele amparou-a afetivo, e fê-la sentar no sofá da sala, protegido por coberta de plástico que fez *cheque-cheque* ao movimento de ambos. Advertida, ela se apressou em se desculpar. “Tenho muito zelo pelos meus móveis, mobília de estimação... Protejo tudo...”

– Não se incomode. Está tudo bem.

– Não, não está...

– Está – tornou o homem –, mas se faz preciso ter mais cuidado. A cidade, basta ver aos jornais, está tomada de ladrões, uns tais *ventanistas* como dizem, que entram fácil nas casas. A senhora vive só, sem companhia. *Eles* não ignoram.

– Ah, meu Deus! não me amedronte!

– Desculpe. Tenho de dizer a, verdade.

Com trato humano depois de vê-la recuperada; ele pediu licença para retirar-se.

Custava aceitar – a mulher começou a pensar – que já não bastasse o sumiço do gato, do canário. O mundo real-



mente se transformara alterando hábitos. Agora parecia valer muito pouco a segurança da porta, de ferrolhos, trancas, e fechadura com duas voltas... Que vida era essa?

Mas tudo piorou quando daí a dias; indo ao lugar onde punha a roupa lavada a secar ao sol, não viu as anáguas, nem o porta-seios de sua própria arte doméstica. Amparou-se, tonta, na coluna da varanda, a cabeça a girar, como que perdida no espaço.

As desgraças não pareciam parar.

Indo à cidade às compras, sofreu nova decepção. O comércio não mais vendia anáguas. As vendedoras, com quem foi conversar, admiraram-se de que houvesse ainda freguesa usando peça íntima “*tão cafona*”, como se não bastasse “combinação e calcinha...”

Assim, depois de tanto anos de viuvez, descobria-se frágil e inteiramente desamparada, qual criatura vivendo noutro mundo.

Passou a dormir preocupada, impressionada, sem poder acostumar-se, como dizia, a andar quase nua, que, a seu pensar, botar o vestido em cima da combinação de nada serviria... E por mais que se apertasse, considerava-se obscena e vulgar, todo mundo vendo-lhe os seios livres do arrocho dos panos...

A essa altura aconteceu o pior: desapareceu o navio, a valiosa peça de seu recordar romântico. E por uma dessas coincidências, das que ninguém explica, o vizinho que lhe restituíra antes o canário desaparecido, veio vê-la. (“*La passando pela calçada, me lembrei de saber como estava o espírito da senhora depois desses acontecimentos.*”)

Ficou penalizado, e até com “bastante respeito”, pediu permissão para verificar se ela estava febril, tomando-lhe à testa a temperatura.

Ela assustou-se, mas aquiesceu, dizendo-se bem...

– Está tudo em ordem, graças a Deus... – e noutro tom, mais íntimo – Sou solteirão, mas detesto a solidão...

– Ah, como tenho sofrido... Mais agora com os ladrões, uns malvados! Carregaram também o navio do *comandante*...

– Já falei antes. A senhora vive muito só.

Quando ele levantou-se para partir, ela reteve-o:

– Tenho um bolinho quente, eu mesma fiz, e café. Aceita me acompanhar?

– Com muita alegria, madame.

À mesa trocaram idéias sobre as pessoas viverem desacompanhadas. Quanto a isso ambos acabaram afinando pelas mesmas razões: – *ninguém vive feliz, sozinho, sem ter com quem repartir alegria ou dor...*

Vendo-a ruborizada, tomou-lhe a mão, mais uma vez, imaginando-a febril. E reteve-a demoradamente, “*Ah, aquela situação não deixava de o preocupar. . .*” Mas transcorrido um instante, acabou declarando:

– *Você* tem mãos de veludo...

No outro mês, ele acompanhou-a ao cemitério, a temer que um gaiato a importunasse. E meio desajeitado, a segurar o buquê de flores, tentava fazer-se sério, mas dava para rir. Estava muito engraçadinho, ela disse, a pensar: “Meu Deus! até parece um retrato de rico bajulado da revista *Caras!*”

Não demorou ele mudar-se para a casa dela; sem gato, sem canário, sem as anáguas.

E sem ladrão.

A VENDA DOS  
MÓVEIS



**A**ntes de entrar na casa, disse a si mesmo: “Vamos, vai ser tudo fácil.” Não seria. Jamais imaginou ligar-se tanto às coisas, a objetos comuns. E na verdade a mais modesta peça – qual o porta-chapéus ou a mesinha de cabeceira – não apenas parecia mas em verdade interferia em seus sentimentos sabidamente magoados.

Adentrou o edifício indo até às dependências que, em caso de ter-se efetivado o casamento, estariam agora desfrutando uma atmosfera mais feminina, o agradável odor doméstico de casa arrumada com flores nos jarros, o piso encerado, luzidio.

Pela primeira vez reparou com incontida decepção: móveis sem uso, não exigidos à sua utilização convencional, como que retomavam de repente a feição original de mercadorias postas à venda. Assim a geladeira, a cama, a larga e exuberante cama de casal, mandada fazer de encomenda. O que parecia ter obedecido a toque pessoal e humano, assumia por então o significado de algo doloroso e incharacterístico.

Passou de um a outro cômodo da acolhedora residência, já convencido que estava ali, naquele momento, para desfazer-se da mobília de seu truncado noivado, rompido de modo muito inesperado, como em capítulo de novela de te-

levisão, em que a futura esposa morre de morte súbita, parada do coração, ou atropelada...

Mais que depressa chegassem os interessados às compras e não o crivassem de perguntas impertinentes ou indiscretas, pois de modo pensado não deixaria transparecer a sua desdita, algo muito pessoal e que só a ele mesmo tocava. A prevenir, anunciara pelos jornais: em *nome do noivo que se retirava para o sul do país* vendia todos os pertences de um moderno lar, tudo a preços de ocasião, *verdadeiras pechinchas*. . .

Em seguida ao endereço apensara aviso: “A *partir das oito horas do próximo dia dez*.”

Esse, o dia; o céu enuviado de tons escuros como se anunciasse chuva para logo mais. Por isso o calor havia sé desaçamado, a tomar conta da casa, não obstante abertas quase todas as janelas e portas.

Enquanto aguardava os compradores, a manhã ia correndo. Sem ninguém para incomodá-lo, foi abrir os móveis da sala para que todos vissem os forramentos de madeira utilizados na repartição. Entreabriu a porta do refrigerador a ver, sem serventia, as divisões assépticas, longe do quadro que visualizara, o de prateleiras cheias de garrafas, de boiões, e mais depósitos para manteiga, óleo de oliva, extrato de tomate, além da vodca gelando, e, em dias especiais, o prato’ de frios à espera da hora de servir...

Mais abaixo – Ah! a imaginação tem toda uma ciência de mágicas impossíveis... – tomava forma diante de seus olhos o rótulo da cerveja alemã, importada, muito em moda, enquanto voz feminina, a voz *dela*, aduzia: “*Sei que é sua bebida preferida...*”

Era.

– Senhor...

Voltou à realidade diante do primeiro cliente. Solícito e em improvisado discurso de vendedor de loja, respondeu:

– Ponha-se à vontade. Pode ir vendo tudo, sem pressa.

Conforme o anúncio, o que se expõe aqui, tudo, tudo, pode ser negociado em bloco ou isolado.

Nomeava valores, a enaltecer as condições dos móveis à venda, como se acabassem de chegar do depósito da fábrica, na verdade novos e de reconhecida qualidade. E à pergunta, então formulada pela primeira vez, explicou desajeitado:

– Não, o casamento se desfizera por conveniência. Não se deram arranhões e tudo saiu muito bem. O problema é que o noivo, transferido para o sul do país, não podia ficar morando na cidade, como do desejo da noiva, que tinha mãezinha querida para cuidar...

– O senhor é o noivo? – Apenas amigo dele.

Sabia-se agora mais envolvido do que imaginara e não apenas um simples *espectador*. Na realidade, por mais que se esforçasse, não havia como se evadir ao seu drama, a se ver bastante entranhado na coleção de objetos e móveis levada ali à negociação.

Seguiram-se outros possíveis compradores, cinco ou seis, e quando se lembrou de consultar o relógio, viu que o mundo já andava ao redor de meio-dia. Em rigor sentia-se molestado no papel de desprezado, consciente de tentar escamotear uma situação difícil de esconder.

Tomou um refrigerante para passar o tempo. E amaldiçoou o calor.

– É uma loucura!

Depois, com olhar perquiridor acabou vendo o saldo de objetos por vender. Não sobrava muita coisa, mas dava para perceber sua urgência de livrar-se daquele *entulho* sentimental.

O pior é que cada coisa o remetia imediatamente ao passado. E isso lhe deixava os sentimentos dilacerados...

Ah, o porta-retratos... Novidade em acrílico e frisos de metal, talvez alumínio...

E os demais enfeites, um ou outro que estava arrumado na penteadeira... A *noiva* explicara detalhe por detalhe, talvez o imaginando afastado da realidade.

A voz dela parecia movimentar-se no ar, ciciante, um tanto sofisticada mas agradável:

“Cada estojo como você vê, tem uma finalidade... O maior é para pulseiras e colares... O menor, o verde com pedras amarelas, para guardar os anéis...”

A tanto ele se emocionou; viu-se, sem saber como, apertando a garrafa da bebida. “Não” – se dizia a si mesmo – “Não era para ter-lhe acontecido tamanho *desastre*. Sempre fora decente. E na verdade só tivera uma namorada antes de conhecer a noiva...”

Sorriu. Até o noivado anunciado com alarde pelo cronista social amigo da família, ele freqüentara só “casa de recursos” – era assim que se dizia por então – uma única vez...

Ah! já se aproximava um novo comprador. Que viessem todos logo-logo, que se queria livre daquilo...

– Foi quase tudo vendido, mas ainda há coisas... Por favor, esteja à vontade.

Ao cair da tarde, afinal, restara a cama. Conseguira vender a penteadeira, dois criados-mudos... Aos que só vieram muito depois, se dizendo atrasados, e procuravam comprar o fogão, o refrigerador, teve de explicar:

– Foram as primeiras peças a sair. Ficou apenas a cama.

– Ah, faz pena. – lastimavam-se.

Afinal por volta das cinco horas, mulher bem vivida, quarentona, pediu licença para ver a cama. Examinou-a a seu modo, pressionando o colchão com repetidos toques.

Depois, munida de uma trena, das que usam as modistas, iniciou a medição do espaço disponível, comprimento e largura.

– Será que duas pessoas *ficam* à vontade?

– Com toda certeza.

– Meu marido é forte de corpo, posso até dizer que é gordo.

– Não haverá problema, creio. – Posso experimentá-la?

– A vontade.

Como se obedecesse, ela logo se arreu sobre o colchão, e com as mãos começou a tatear em busca de algum defeito de fabricação. E muito contentada, se sorriu feliz.

Foi então que ele lembrou...

Ali se deitara com a noiva para *verse* os corpos de ambos se ajustavam unidos um ao outro; e até se beijaram; e agora recorda que marotamente passou a mão até onde' ela, por esse tempo, já permitia mais intimidade. E nisso ficaram minutos e minutos, um tempão, o que obrigou a pessoa que os acompanhava vir bater na porta do quarto, a saber *se estavam bem*.

Mas enlevados, entregues um ao outro, os dois ainda demoraram. Ele, a se entontecer com o suave perfume que a moça usava, odor irradiante e refrescante que se lhe desprendia do porta-seios de fecho aberto...

– Senhor?! Eu quero a cama..

O homem, então, encabulado, desferrou-se da cena que o fizera reviver o passado, volvendo à exiguidade da alcova onde a senhora – também recendendo a perfume – , insistente, cobrava mais atenção, decidindo:

– Compro a cama.

E ele sublinhando a desculpa:

– Por alguns segundos andei *ausente*. Acho que à conta do trabalho que tive até agora, atendendo desde cedo.

– Posso pagar em cheque?

– Claro!



Ao firmar a assinatura, propunha:

– Mas só posso vir apanhá-la amanhã. Espero que o senhor compreenda, não está fácil conseguir uma transportadora hoje.

– Nenhum problema.

– Estou muito satisfeita com a compra da cama.

– Fico feliz também.

Ele foi levá-la à porta, descobrindo a rua já tomada pela noite. E viu-a afastar-se, para logo mais ser apenas uma pessoa na multidão. Só então retomou ao quarto, se sentindo realmente cansado.

Sem perceber, sentou-se na cama. Outra vez a lembrança da noiva tornou-se tão real que ele estremeceu, assustado. Era como se ali estivesse ao seu alcance, perto, como sucedera no dia em que com mais malícia que inocência, trocaram repetidas carícias.

Considerou-se então mais sofrido do que nunca.

Podia vender tudo, livrar-se do fogão de quatro bocas, do refrigerador, do porta-retratos, de tapetes e mesinhas, rasgar ou devolver fotos coloridas endossadas com recados de muito afeto; vender a cama, dispor-se das fronhas dos travesseiros, caprichosamente bordadas... Sim, podia, e até reparava o prejuízo...

Sentiu no bolso' o peso do dinheiro e cheques.

Quanto acabava de apurar? Saíra-se sem prejuízo?

Ergueu-se do móvel se desejando ativo e invulnerável.

Foi cerrar as janelas, a porta que dava acesso ao fundo do quintal... Por breve momento ficou olhando e vendo o jardim que mandara situar e onde uma ou mais flores se entreabriam em meio a túrgidos botões.

E andou, à pressa, em direção à rua.

Quando fechou a porta aliviado, pensou: afinal: a casa estava mesmo vazia.

A casa, seu coração não.

# EXERCÍCIOS AJUDAM



**D**. Genoveva tinha motivos de sobra para deplorar a vida. Morava em casa de vila, no chamado *lado do sol*, que não dizia tudo para explicar como fazia calor o dia inteiro. E mais sem poder eximir-se das obrigações de cozinha, pois detestava plantar-se, a toda hora, diante de um pequeno e desencorajante fogão, com obrigação suplementar e cruel de atender o marido, caso crônico de saúde perdida.

Era aquela *a casa do homem* que **tinha tido a coisa**, sentença que abrangia o amplo conceito de desgraça médica para acabar significando que o seu homem sofrera uma paralisia oriunda de inesperado e traiçoeiro trombo.

Pelos últimos cinco anos vivia mal o pacheco, o *hmem* da *coisa*. Nem de longe sombra do que fora, homenzarrão esperto, apredado pintor de parede, bastante respeitável pelo cumprimento da palavra conquanto adorasse dançar forró nas noites de sábado, em companhia de mulheres.

Nessa manhã – como se conta – ele emitia uns sons estranhos qual se arranhasse a garganta, espécie de grunhido insuportável, resquício do quadro clínico e de sua ânsia de comunicar-se com o mundo:

– *Rham, rham, rham.*

Era o sinal de que despertara e não desejava permanecer no quarto apertado em que vivia praticamente isolado da família. Os filhos – a moça e o rapaz – já de pé, andando pela sala de jantar, punham-se como de costume alheados aos ruídos emitidos pelo pai. Precisou, da cozinha, a mãe advertir: – Será que não podem ajudar o Pachecão?

– Já vai, já vai! – Disseram ambos ao mesmo tempo, mas quem acudiu o pai foi o filho. E trouxe até a sala o pobre homem deitado em catre improvisado, espécie de cama-de-campanha, estranho móvel que se deslocava sobre rodízios estridentes.

– Meu Deus, é muito ruído! Isso é uma tortura... – reclamou d. Genoveva.

E até a cama ficar em posição correta – como sucedia diariamente –, o doente se exasperou com os únicos sons que podia emitir:

– *RHAM, RHAM, RHAM!*

Afinal a própria dona da casa largou os seus quefazeres, e a contemplar a cena, afogueada, desabafou:

– Não mereço tamanho castigo, gente! Considerem que faz anos tenho de assistir, diariamente, esse espetáculo. Ah, Deus-padre! Preferia morrer num hora dessa...

– Tenha calma, mamãe!

– Só o que sabe dizer, mas se ponha em meu lugar! Voltou sobre os próprios passos, resmungando que aquilo não era vida. Não vivia, vegetava! E se tinha por direita, cumpridora de suas obrigações, uma boa dona de casa.

– Já vou saindo, mãe.

– Era a filha ganhando a rua, depois de passar se esgueirando pela cama do pai, ainda irritado.

Da cozinha, nervosa, a outra gritou:

– Não precisa mais grunhir, homem!

Dai a instantes, encalmada, imaginou ter chegado a hora de contratar uma pessoa para trabalhar na cozinha, aliviando-a desse inferno das manhãs, o que acontecia por ocasião do café.

Foi ao quintal, e subindo a uns tijolos ali postos chamou a vizinha, de cima do muro, a cobrar:

– Criatura, cadê a empregada?

Acudiu uma senhora gorda, despachada, a avisar ter acabado de cumprir o trato:

– Tudo certo. A *criatura* é gente boa e ficou de hoje vir se ..entender com você.

Mais tarde a cozinheira, morenã de sorriso franco e dentes à amostra a todo momento, batia à porta. Muito disposta e descomplicada. Não ofereceu dificuldade alguma ao acerto de seu pagamento... Nem reclamou quando a patroa avisou:

– Tem mais uma obrigação, além da cozinha terá de ajudar a vigiar o meu marido doente. Alguma dúvida?

– Feito! Adoro quem precisa de adjutório. Isso de doença, não me espanta.

Ao dia seguinte, ao primeiro grunhido do patrão a empregada mais que depressa se apresentou solícita, nomeando-se: – “Sou a Raimundinha...” – E logo tratou de empurrar a cama até a sala, como se já soubesse, havia anos, onde devia situá-la.

– Qualquer coisa, é só me chamar.

Adiante, vencida uma semana, desafiou o dono da casa:

– Vamos tentar nos entender. Assim, quando o meu patrão carecer de préstimos, faça um *rham* mais caprichado. Dois, fica sendo o sinal da patroa. Os filhos, que não ficam em casa, três para a moça e quatro para o rapaz. E a mão? Que bobagem é uma de não mexer ela? Pois bem, a partir de

amanhã vou chegar com meus panos quentes. Quentura é de grande serventia em cristão emperrado. Deixe comigo!

Assim foi. Quase todo dia, daí por diante, ela inventava um quer que fosse de ajuda ao inválido. E abriu a janela do quarto a enfrentar a obstrução da dona da casa:

– Não faça isso! Dá logo menino querendo ver.

– Boto tudo pra correr.

Varreu o quarto, arrumou os quadros na parede; o retrato da mãe dele até sugeria uma visão do tempo antigo. E retirou de cima da mesa a pilha de jornais velhos estacionados ali há dois ou três anos, contando assassinatos e seqüestros. Insatisfeita, largou criolina no chão, dizendo que queria desinfetar o piso, acabar com o mau cheiro de roupa velha, suja. E como restasse no ar um leve odor de vacaria – e isso a deixou bastante aborrecida –, espargiu detergente com cheiro de pinho, ou algo assemelhado, e pela primeira vez nos últimos tempos o compartimento ficou de chamar a atenção.

Atenuou o ruído da cama-carro. Não utilizou mais que, meio tubo de óleo de máquina.

Já agora, a ser deslocado o catre, empurrado para a sala, ou dessa para o quarto, não sugeria mais o trambolho amaldiçoado pela família.

Em poucos meses o pintor doente *da coisa* dava a impressão de reagir de modo favorável aos cuidados da empregada. Os de casa logo enxergaram: a moça tinha mão de fada, sempre muito diligente a ajudar de dia e de noite.

A família – ela apregoava a seu turno – podia sair e divertir-se em circo ou cinema, demorar visitando a algum parente ou amigo, que, de regresso, a toda certeza encontraria tudo na mais perfeita ordem. A casa, guardava-a ela. E havendo necessidade de alguma providência urgente, tinha o número do telefone do Pronto Socorro anotado atrás da porta...

Não tardou dispor-se a Raimundinha a informar, o riso elástico na boca franca:

– Gente, se segurem! Surpresa! O patrão começou a mexer os braços. Com mais algum exercício...

– Exercício?! Que é isso? – assustou-se a mulher. – Não havia contado antes, mas faz um tempão que venho pelejando. Agora de último o organismo dele começou a reagir...

A dona da casa interrompeu-a, estabanaada: – Você não tinha esse direito! Por acaso é doutora? tem ao menos diploma de enfermeira?

– Nem de cozinheira, d. Genoveva, mas vi que o doente *queria* melhorar, ajudei.

– Cabia a mim decidir se convinha.

– Pois escute a madame, se ele continuar como vai, não demora sentar e até andar.

– Andar?! Meti foi uma doida dentro da minha casa! Esquentou a discussão. Os filhos, também exaltados, entendiam que a empregada estava errada. Palavra vai, palavra vem, a moça começou a chorar, o quanto bastou para o Pacheco grunhir como nunca, a ponto de assustar a família, dando a idéia de que se mexia no catre. Tal a agitação do doente, que se podia ouvir claro o sacolejar das molas da cama.

Nesse ponto a dona da casa, para contornar a situação, decidiu:

– Pronto! Lavo as mãos. Seja aí o que a *doutora* Raimundinha autorizar. Basta, estamos conversados..

Foram-se dois ou três meses.

Já pelo final do ano, nas proximidades do Natal, a recuperação do Pacheco tornara-se tão evidente que os vizinhos vinham visitá-lo a ver o milagre.

Deitado na cama, já agora sobre bem cuidados lençóis, o dono da casa valorizava cada vez mais a intimidade do seu

quarto, onde vivera os últimos anos apenas reconfortado pelo retrato da genitora.

Não mais se irritava.

E não grunhia como antes. O *rham, rham, rham* ia-se transformando em *rai, rai, rai* a lembrar o nome da moça.

E em cada sessão de terapia administrada pela cozinheira, a porta de ferrolho passado, ele tomava conhecimento do progresso experimentado.

De último, com maior esforço e maior avidez, conseguia erguer a mão e apalpar-lhe os opulentos seios.



**O ENTERRO  
OU A CASA  
SEM CÃO**



**A** mulher, à pressa, já segurava a bolsa para sair, depois de verificar atenta se o fogão a gás não ficara com alguma boca acesa; e se voltou para o pai idoso, recomendando:

– Estou de partida. Tenha cuidado na casa. Demoro pouco. Ia acrescentar que por urgente necessidade tinha de se ausentar, pois precisava ganhar uns trocados a mais para dobrar a resistência do bodegueiro sem mais querer fiar Parou. O outro dizia-lhe decidido:

– Vou sair também. Cadê o meu paletó? Ela estacou surpresa: – Sair? sair pra onde?

A voz do homem soou enérgica e resoluta:

– Você estava na cozinha, nem prestou atenção. Deu a notícia no rádio – Que notícia, pai?

– Você conhece, não... Era meu grande amigo. Morreu. Coitado do Belisário.

– Tão importante assim para merecer registro em programa de rádio? Não, papai, o senhor se confundiu...

Ele insistiu, a cobrar:

– Cadê o meu paletó?!

– Seu paletó foi comido pelas traças... Tinha virado peça de museu.

- Me parecia ainda bom de uso. A última vez...  
Ela interrompeu-o:
- Isso foi há doze anos, quando faleceu o vizinho.  
– Sei disso não. Bom, só sei que vou ao enterro do meu amigo Belisário. Sem paletó. Todo mundo vai reparar. É que nunca vesti silaque em cerimônia social.
- Papai, não quero teimar, mas tudo não passa de um equívoco. O locutor...
- ... o locutor falou bem duas vezes o nome dele, o endereço, deu tudo! Meu amigão! E você não sabe...
- Não sabe o quê?
- Tínhamos um pacto. Ele jurou, eu jurei também: se um dos dois morresse primeiro, o que ficasse estaria obrigado a ir ao enterro, estivesse onde estivesse. Assim vai ser.. Deus o chamou em primeiro lugar, tocando a mim, agora, cumprir a palavra empenhada.
- Que palavra empenhada! Isso passou! E por favor vá sossegar, tenho de ganhar o meu dinheiro.
- Ah, então é desse modo? Muito bem! Não causa admiração que o mundo esteja – me deixe dizer um nome feio – nessa esculhambação de hoje. Não! Sou de ontem, de tempo em que as pessoas possuíam palavra, cumpriam o trato. Cediam o lugar de sentar nos bondes a uma dama, ajudava a idosos...
- Papai, escute bem. Os seus netos já foram trabalhar, e eu só vou sair por extrema necessidade. Dessa forma o senhor não pode comparecer ao sepultamento do seu grande amigo. Por isso, é melhor se contentar com uma oração...
- Oração é coisa de protestante. Eu rezo.
- Pois então reze. Dá tudo igual. Contanto que fique em casa. A nossa, repare, não pode ficar sem ninguém, principalmente com a onda de ladrões solta no bairro...

– ... ladrões aqui?!

– É onde dá mais.

Ele ficou pensativo. Depois de um momento, lembrou:

– Deixe o cachorro botando sentido. Você pode ir pegar os seus trocados, como falou, e eu sigo para cumprir o meu acordo...

Paciente, ela explicou:

– O senhor deve estar esquecendo as coisas... O Japi morreu... morreu de velhice. E nós não tivemos condições de adquirir outro animal de guardar a casa.

– Agora deu ruim! Eu não posso desfazer o trato com o falecido. O Belisário se estivesse em meu lugar, com paletó ou sem paletó ia acompanhar o meu enterro. Foi o melhor amigo que tive, marido exemplar.

Ela moveu a cabeça, aborrecida:

– E tem mais, papai, o dinheiro que vou receber é importante para pagar a mercearia. De outro jeito, se duvidar, vamos ter de passar fome... E mesmo ...

– Mesmo o quê?

– O senhor, aos oitenta, não tem mais condições para sair de casa, desacompanhado.

– Minha companhia é Deus. Me considero forte, me levanto sozinho de noite para ir ao banheiro... e...

– Mas não pode.

– Alugo um menino do vizinho. Ainda tenho uma pontinha de dinheiro da aposentadoria.

– Compreenda, papai! A família do tal Belisário na certa nem sabe se o senhor existe. Bem, a hora está passando e preciso, agora digo como o senhor, preciso cumprir meu trato.

– Meu Deus, a que ponto cheguei na vida! Minha própria filha quer que eu fique desmoralizado. Contando não tem quem acredite!

Ela tornou a insistir em tom amável;

– Papai, vá sentar-se na sua cadeira de vime, perto da porta... Prometo, prometo de verdade! Vou ficar atenta aos jornais! Podemos ir juntos à missa de sétimo dia.

– Missa de sétimo dia não é enterro. Não aceito esse tipo de solução.

E com convicção, exaltando-se: – Vou ao enterro, VOU!  
– Papai...

– VOU, VOU!

Foi só um instante, tempo em que ela apreensiva consultou o relógio, a ver que horas davam, e decidiu:

– Não tem acordo, não tem paletó, não tem enterro! Vá sentar na cadeira como estou mandando, que preciso ganhar o meu dinheiro. É isso!

– Deus castiga a quem maltrata os pais.

– É sentar bem direitinho e não deixar a casa só. Os ladrões, repito, andam por aí. Se duvidar vão entrar aqui e carregar o seu rádio. Vá, vá, vá, me obedeça!

Fê-lo arriar-se na cadeira de vime, nervosa, considerando que se não partisse quanto antes não teria como passar a roupa, tarefa a que se obrigara de véspera.

– Não deixe ninguém entrar. Ninguém mesmo!

Ele esteve para altear o tom da voz e protestar mais uma vez, chutar os móveis da sala, gritar palavrão, chorar, até chorar...

Mas se reconheceu trêmulo, esmorecido, e na realidade sucumbido por não poder, como prometera, honrar o compromisso com o Belisário.

E se deixou ficar batendo o pé no chão, perdidamente magoado.

Dolorosamente câo.

**A BORBOLETA  
ACORRENTADA**



**D**esceu do ônibus para rever a mãe, sem poder disfarçar o constrangimento que a visita, demorando a acontecer por último, provocava nas emoções dela. Primeiro por saber que a velha senhora estava a merecer mais atenções de sua parte; segundo – era esse um ponto bastante grave a considerar – de entender que devia vê-la com mais freqüência; o que acabava significando (seria isso mesmo?) visível desinteresse pelas relações de ordem familiar, principalmente naquela hora...

Debaixo desse pensamento, que o fazia desencorajado, ganhou o passeio a sobraçar os pacotes que, à noite, com paciência, preparara, uns tantos suprimentos de mercearia, reclamados.

Antes de entrar na casa, viu o edifício desmerecido pelo tempo. A pintura da fachada estava ficando cada vez mais esmaecida; a porta, tomada de um remoto azul colonial, sofria a intensidade da luz do sol. E nem precisava de esforço de imaginação para compreender. Ali tudo deteriorava-se rápido.

Premiu a campainha anunciando-se:

– Sou eu, mamãe.

Ela própria o recebeu com um sorriso de nenhuma pressa, muito sumida de carne, as feições murchas. Metia-se em surrado vestido, estampa de roupa antiga, ramos e flores em

tons de duvidoso gosto. Saíam-lhe tardos os movimentos, e dizia mais a si própria do que ao filho, em tom de queixa, que se cansava fácil, agora.

Com facilidade, sem mais vontade de viver ... – foi contando, a voz anasalada e desprovida de ânimo. Assim dito sentou-se na cadeira de balanço, o vime encardido e desbotado. E logo acomodou as costas, que lhe doíam como nunca, na almofada puída.

Ele arreou o corpo no divã da sala, reavaliando-lhe o estado, e a ver os móveis, as coisas esquecidas e os retratos que perseveravam pendurados nas paredes.

Deparou o gato, bichano de visível ancianidade, aninhado noutra almofada, a dormir ali – pensou o homem – há mais de vinte anos.

A empregada veio do interior da casa na intenção de esclarecer.

– D. Margarida às vezes, e já agora sucedia com mais freqüência, não se lembrava das coisas. Chega a tomar o remédio duas vezes seguidas... É engraçado mesmo!

– Mamãe, tenha mais cuidado. – Maluquice dela, meu filho! Ora! Claro que nem sempre eu me recordo do que já se foi... – E em tom dolorido, de visível desconsolo.

– Tudo vai ficando tão longe...

A empregada, antes de tornar à cozinha, abriu a janela da sala, justificando:” Pra clarear mais. Sol é bom.”

– Mãe, a senhora – foi avaliando com visível indiferença o homem – ainda conserva todos os retratos da família...

– São os meus parceiros. Ah se não fossem eles!... E tem também a borboleta. É bem amarelinha, linda! Às vezes prendo-a à corrente. Sei que maltrato a bichinha, mas que jeito? Por alguns momentos é minha borboleta acorrentada.

Ele admirou-se:



– Que história é essa?  
– ... sim, quando ela foge, chegam logo uns passarinhos:  
Aí eu tenho já guardado um pratinho com água e açúcar.

Decorrido um breve instante, como se se situasse no passado, indagou:

– Seu casamento, já marcou? Ele assustou-se:  
– Oh, mamãe, quanto esquecimento! Casei, faz tempo e até já me separei da primeira mulher...

– Nunca me falaram nisso! É sempre assim. Sou a última a saber. Me escondem tudo!

Amuou-se. Ele acudiu a abraçá-la contornando a situação:

– Me desculpe, mamãe. Por favor, não faça cara de zanga.

E ela outra vez com alegria: – Olhe a borboleta!!!

Era uma folha esvoaçando, soprada da rua. E ele achou conveniente confirmar:

– Muito bonita!

– Não contei? Se você demorar, vai ver a chegada dos passarinhos, o bando entrando pela janela, uns tão coloridos que penso estarem vindo do estrangeiro. Outro dia apareceu aqui, bem no meio da sala, um papagaio. Não se recorda do seu louro? Era ele.

– Sim, o *Real*... – Assentiu o homem a um repente retomando aos dias mais felizes, quando não experimentara ainda a aspereza da vida .

– O *Real* só se apresentou aqui na sala uma vez. Não demorou, sumiu. Bicho e coisa têm caprichos que a gente nunca entende.

Remexeu-se na cadeira, sentindo-se pouco à vontade, e disse:

– Aparecem...e desaparecem. E dura o efêmero?

Amargurado, o homem não soube responder.

A empregada surgiu na sala. E por meio de mímicas, em gestos engraçados, avisava que a senhora estava mesmo perdendo o raciocínio.

Vexado, o filho levantou-se. Na verdade, naquela hora molestava-se em saber do estado de saúde da mãe. Em todo caso – começou a pensar – ia fazer tudo para trazer até ali, de visita, a criatura com quem vivia pelos últimos anos. Tinha insistido antes, duas ou três vezes, e ela reagira sempre:

– “Não gosto de ver idosos...”

– Mamãe, vou indo. O expediente da repartição começa mais cedo hoje.

– Volte sempre, filhinho. Pode ser que da próxima vez você encontre aqui comigo o *Real*. Ele ainda repete o seu nome bem explicado: “*Pedro! Pedro! Pedro!*”

Ele tornou na semana seguinte, estava apreensivo. Veio só. A companheira desistira. E até confessou:

– “Não é por desamor, é que não gosto de ser testemunha do sofrimento de anciões... A velhice tem caprichos dolorosos. É triste saber que hoje *outra mulher* tomou o lugar de sua mãe, pobre criatura que vê borboletas e passarinhos. A coitada persevera em mundo diferente do meu. Nem sabe quem eu sou...”

A empregada mostrou-se na sala de visita, e enquanto o homem se sentava, foi abrir a janela, a explicar:

– Fica melhor assim, mais ventilado.

Não obstante ele aguardar que a qualquer instante a mãe chamasse a atenção para a borboleta amarela, nada ocorreu de anormal. E até ela conversou firme, e bastante desembaraçada, e rememorou anos muito para trás, episódios que nem ele próprio se lembrava agora. Não mencionou mais o papagaio nem os passarinhos de plumagem colorida.

Faltando assunto a um momento, Pedro indagou:

– A senhora tem dormido bem?  
– Graças a Deus. Insônia só quando não tomo o meu remédio.

Mais por diante, às despedidas, ela ajuntou:

– Não quero me mudar daqui. Foi a casa que conheci quando me casei ainda muito cheia de vida. Adoro viver com minhas recordações. Mas gostaria que você viesse me ver mais vezes. Me sinto tão só...

Quando o homem partiu, ela foi sentar-se em sua gasta cadeira de vime. Como sempre procurou melhor posição para atenuar a dor da espinha, o que conseguiu a recostar a cabeça, resignada, na almofada de veludo.

Nisso a empregada veio saber se não dava hora de fechar a janela.

– Ainda é cedo. É muito cedo.

Disse e continuou ansiosa, a outra notou, a segurar, na mão, frágil corrente de prata, o fecho aberto...

Havia muito o que fazer ainda na cozinha, mas a empregada resolveu também ficar aguardando a borboleta.

**CORAÇÃO DE  
MÃE NÃO SE  
ENGANA**



**D**a porta do quarto a empregada observou:

– Vi tudo. A noite não foi boa.

– Nem tanto assim, pois dormi até começar a chover.

Credo! A rua esteve tão movimentada, não cessaram os passos na calçada, as batidas de porta de carro... Uma algazarra!

– Foi a festa do noivado da filha do vizinho.

– Estou certa que beberam demais.

– Pra mim o barulho passou dos limites. Nem ao menos se lembraram da senhora, de sono difícil e respirar difícil.

– Sabe, a asma não me incomodou. A *coisa* de acordar e não poder mais dormir deve ficar por conta da chuva. Ah...  
– suspirou conformada – infelicidade de velha doente, em certas horas, é não esquecer o passado...

– Ontem à noite, a patroa já estava deitada, quando a *menina* telefonou.

– Era doença? – indagou alarmada.

– Não! Queria avisar; vem hoje aqui.

– Então, você já sabe. Mande comprar uns biscoitos. Quero a mesa farta. Da última vez a coitada não teve boa recepção.

– Conversa, d. Elvira! havia muitos bolinhos, fiz chá, tinha café, e d. Minervina até provou o guaraná. Mas o seu neto...

- ... é só uma criança levada! Menino é assim mesmo.
- Sei não! Fez o diabo, andou até em cima do muro, nem se importou com os cacos de vidro de afugentar ladrão...
- Achei tão engraçado!
- Vi graça não! Passeou por cima do muro, era como se não houvesse perigo. Que coisa! – Ia saindo, voltou para. perguntar: – toma o café agora?
- Vou tirar primeiro umas fumaçadas do meu cigarro.
- Então faça logo, que esse remédio da senhora larga um cheiro horrível, parece fruta podre no quarto.
- Então me dê a bombinha.
- É mais decente.

Pelas dez horas Minervina apareceu. De cigarro aceso, despachada. Logo entrou no quarto, foi anunciando: “Meu cigarro incomoda, mas é só um instante.” Nisso se desvencilhó dos sapatos, a se ajudar com os próprios pés, e a repetir mais de uma vez: “Ah, uma desgraça esse meu joanete!... Tenho de criar coragem pra cortar essa coisa.”

Depois de pausa, em gentileza formal:

- Dormiu bem?
- Mais ou menos.
- Digo o mesmo. Ainda tive de me levantar da cama mais de dez vezes. Não é que o seu neto, o seu queridinho, pegou outro resfriado!
- Com febre?
- Só no primeiro dia.
- E meu genro, como anda?
- Viajando o tempo todo, não larga o trabalho nem mesmo aos domingos. – Disse e ergueu os pés, a mexer os dedos muito à vontade, e para o interior da casa pediu gritando: – Quero comer.

Não tardou a empregada, à porta do quarto, explicar:  
– Tem café quente, tem chá, tem bolinhos, tem também guaraná, pão-de-ló e biscoito de padaria...

– Pois vá tomando as providências, que sigo atrás. Quero antes um *particular* com a mamãe.

Não queria. A intenção era livrar-se da outra.

De pé, foi passear pelo quarto, enquanto a mãe pensava: “não demora, vai já me dizer que anda muito preocupada comigo.” – “Agora, quando findar a *inspeção*” – “Quem sabe se não é desta vez?”

– Ah, estou procurando os brincos...

– Os fixados em pingentes prateados?

– Esses! Domingo próximo tendo de estar presente a uma festa do clube! As mulheres dos sócios, tão exibicionistas! Eu não queria ficar para trás.

– Filhinha, tudo que eu tenho é seu. Se é o que você está querendo, não faça cerimônia. – Posso mesmo?

– Pode. Para onde eu poderia ainda ir de brincos? Tem até graça... Minha vida daqui por diante vai ser muito pior. A pouco e pouco a danada da asma tomará as minhas forças. Às vezes não encontro ar... É tão difícil respirar!

A filha distante cuidava de avaliar atenta os brincos à luz do sol que se intrometia pela janela entreaberta.

– Soberbos! – repetia.. – Ganhei meu dia, hoje. Sou mesmo uma mulher de sorte.

Passado um instante, já voltando à realidade, ao quarto em que a mãe ofegava, o peito chiando ao padecimento da respiração por bloquear-se, à ameaça de crise asmática, insidiosa:

– A senhora está pior?

– Nem pior nem melhor, que desde a manhãzinha me arrasto assim. – E resignada:

– Velhice, minha filha.

A empregada, espantosa, parou novamente à porta, anunciando:

– Mesa bem servida. Não é banquete, mas juro que chega perto.

– Volto já, mamãe. Logo se ausentaram as duas, sob esforço que a fazia suar frio a doente alcançou a janela. Em movimento brusco, a desespero, empurrou ambas as folhas de postigos entreabertos, na ânsia de captar o ar que se exaurira no compartimento e talvez corresse mais generoso fora, na rua, onde as pessoas pareciam satisfeitas com a vida. Mas decepcionou-se. Bastante aflita verificou a inexistência de mais leve brisa, nada capaz de lhe contentar os pulmões resfolegantes.

Retomou à rede para não cair; e se valeu da bombinha do remédio.

Foram-se os minutos, após auto-medicada, até se sentir aliviada. Ah, um sofrimento! Nesses momentos não esquecia de pedir a Deus livrasse a filha de tamanho infortúnio...

O tempo avançou e já agora o acesso cedia de todo, o peito a arfar mais desembaraçado, contentado de ar.

Não sabe como se achou em pensamento malsão de que a filha viera visitá-la só por conta do par de brincos desejado. Mas logo se arrependeu profundamente. Não, não podia mal dar da filhinha querida, que deixava os seus quefazeres de casa para estar com ela alguns minutos. E se não demorava no quarto, tinha de agradecer às astúcias da empregada a se fazer amiga da família, mimando-a sempre com biscoitos, guaraná e chá, tudo para receber a boa gorjeta que sabia certa...

O relógio do corredor alertou, dando as últimas horas da manhã.

A tanto a filha reingressou na alcova, às gargalhadas, a comentar: a empregada era *uma doida*...



Foi meter os pés nos sapatos, outra vez a reclamar:

– Mamãe jamais queira ter joanete!

– Depois de inventariar os objetos do quarto, a mesinha onde demoravam os remédios para acudir, mais uma vez (Ah quantas vezes fizera antes!) prometeu de modo grave e solene:

– Me aguarde. Vou tirar uns dias para arrumar suas coisas. É preciso arrumar isso, mamãe! Não demoro a voltar para colocar tudo em ordem. Tchau!

A velha senhora teve vontade de dizer algumas palavras, mas conteve-se.

E em voz dolorida, bastante magoada, mais para si mesma do que para a filha que escapava pela porta, murmurou:

– *E também se arruma mãe? se arruma?*

## A PRÓTESE



Não devia ter acontecido mas aconteceu.

No começo, quando a esposa em tom grave relatou que a irmã *precisava* viajar para a Capital por problema dentário, ele pressentiu ter de hospedá-la. Com isso ia perder a valiosa liberdade de estar em casa como bem entendia, andando à vontade, muitas vezes sem blusa, a sentir as delícias do vento assoprando de leve o peito cabeludo.

Belinha decidira: o quarto ocupado pelo filho até casar, vinha muito a calhar naquele momento. Bastava chegar às paredes alguma tinta, arranjar melhor o cômodo, para tê-lo outra vez em estado de novo. Valia também pela janelinha abrindo para o oitão ensombrado às tardes de mais calor.

Passeava pela casa a reparar os arranjos, a sentenciar: – Neuzinha vai adorar! Conheço bem o gênio dela.

Teotonho aquiescia. E podia ser diferente?

Até chegar a cunhada, uma semana correu, oportunidade em que a dona de casa azafamou-se preocupada. Nesse meio tempo chamou o marido às falas. Que se fartasse logo com os programas de resenha esportiva e “fosse deixando” – dizia-lhe – “a falta de civilidade, passeando pela casa quase nu...”

A empregada, que estava servindo ao casal há muitos anos, intrometia-se na conversa:

– Não deixe o *seu* Teotonho aparecer de pijama no meio da gente... É ver uma vitrina. À vista *tudo dele*...

A mulher investia em cima da *deixa*:

– Não, o meu *velho* tem educação, saberá se conduzir.

A mulher queria também que o marido saísse de casa, fosse conversar com os amigos, demorar na praça... Ele reagia veemente:

– Não perdi nada na rua.

– E então ficar dentro de casa, o dia todo, de choco, não é pior? Mas ao sair do quarto bote a blusa em cima do corpo. Não deixe o banheiro também molhado... E mais: ao fazer xixi acerte no vaso.

– Isso aqui vai ser uma colônia correcional... – ele debicou.

A empregada quis saber:

– Que idade tem a irmã da senhora?

– É a caçula! filha do segundo matrimônio de meu pai. Tem uns trinta, por aí.

Teotonho cobrou outra informação: – Vem de trem ou de ônibus?

D. Belinha pescou o papelucho que trazia guardado no decote do vestido, foi lendo e respondendo:

– Diz aqui... “Não se preocupem comigo. No fim da tarde estarei aí. Janto com os queridos parentes.”

Neuzinha veio como anunciou, metida em vestido vermelho – a cor fora de moda, o encarnado antigo, de chamar a atenção. Teotonho viu-lhe as pernas grossas, o busto gene:” roso mal contido e a transbordar pelo debrum do decote. Depois de trocar de roupa, ela compareceu à “mesa. Fazia-se da família, como se ali vivesse havia anos.

Estava radiante, o busto cheio retesando a blusa de malha estampada, onde mãos se entrelaçavam sob frase em inglês – ela não soube traduzir o que queria dizer –, tudo a inspirar juventude e fácil entendimento com as pessoas.

A moça falava o tempo todo sem parar. E era perdoável o vezo, a graça em arrumar as palavras, encompridando frases que lhe saíam com acento rouco, algo que nela assentava bem.

Foi transparente até demais, para vexame da irmã que não aguardava as revelações inesperadas...

Assim, com gestos largos que aluíam o seio direito, a hóspede foi contando como vivia, os *casamentos* desfeitos (“quero lá homem mandando em mim, segurando meu pé!”). E trouxe para a mesa a idéia crua e severa do pai, um reformado que gastava tudo em casa de mulheres suspeitas, apesar da idade... A mãe, coitada, calejada de sofrer, apenas tinha de gemer, e agüentar. A segunda família – a mencionar, erguia o braço às vezes até de modo desnecessário – era muito diferente da primeira! Quem diria!

Não estava a fim de demorar – passou a explicar – pois logo preparada a prótese, motivo de sua viagem, tinha um grande compromisso a que não podia faltar por dinheiro algum: a inauguração do *dancing* da cidade.

Acertou-se tudo nessa mesma noite. Ela conhecia as ruas, os lugares aonde ia, mas insistiu:

– Se o cunhado dispuser de tempo pode até me levar ao consultório do dentista.

Desse modo sucederia ao outro dia. E por diante.

Pela quarta ou quinta vez, ela propôs: – Se o cunhado não tiver morena bonita pra ver, venha me buscar depois da consulta... A gente aproveita, sai por aí conversando. Me abuso demais quando não tenho com quem trocar idéias.

Daí a alguns dias, a pretexto de cair forte o calor, ela consultou a irmã se podia ficar de vestidinho mais leve, de *respeito* naturalmente.

D. Belinha fez vista grossa mas no íntimo achou que a moça exagerava. A empregada alertou o patrão:

– D. Neuzinha é fogo. Se puder acaba nua.  
– Deixe de ser maliciosa. O calor anda brabo. Pelo final do ano é sempre assim...

– Sei não!

Houve outro dia abafado, o calor intenso. Em casa, por então, apenas a cunhada, e Teotonho bastante atento ao comentário esportivo do rádio.

Parecia distante, muito ausente dali e da presença de qualquer pessoa. Por isso surpreendeu-se quando, falseando a voz, coquete, a moça veio dizer-se carecida de obséquio, o de ele *fazer a bondade de passar o fecho do colarzinbo...*

– Acho que você leva jeito. Assim dizendo, em requê-bros, foi-lhe voltando as espáduas perfumadas, a encostar nele o corpo quente, os quadris de rija camadura.

Como se o notasse assustado, sem saber o que fazer, acrescentou debicante:

– Tem medo não, pode encostar mais!

Ou por ser escassa a iluminação, ou por sentir-se realmente nervoso; o homem nada de acertar.

– Que coisa difícil! – desabafou.

– Tudo que é bom dá trabalho mesmo! Mas com jeito vai. Afinal, o estilete do fecho encontrou o ponto certo do *clique* característico. Foi aí que a cunhada, sublinhando alegria, virou-se de frente, os seios túrgidos entrevistados na blusa repuxada. E toda uma porção de corpo sensual pareceu ajustar-se ao peito cabeludo de Teotonho.

– Vale a pena um servicinho desse, hem?

E, gaiata, deu-lhe uma umbigada.

Na cidade, enquanto andavam juntos, ela procurava sempre segurar a mão do cunhado. De começo só para atravessar a rua, a receio de algum *carro doído...* E mesmo já na calçada, não se queria largada. “*Me solta não...*”

Um dia confessou-lhe com intimidade:

“Já lhe falaram que tem a mão macia, assim como de quem nunca trabalhou pesado?” .

Não demorou a moça chamar o cunhado de Tonho, apelativo pronunciado com bastante graça, o que fazia o dono da casa considerar-se ainda moço e capaz de impressionar as mulheres...

Quando estavam apenas os dois em casa, a cunhada o chamava ao quarto por inesperadas razões: brinco rolado para debaixo da penteadeira, lençinho perdido, coisas e mais coisas do uso dela que, a um repente, caíam-lhe da mão... Até vidrinho de perfume por abrir, de tampa emperrada, precisando de alguém mais hábil.

– Tonnnnnho...

Antes de acudir, já por agora o dono da casa ia primeiro ver-se ao espelho, avaliar o repartido do penteado.

– *Demora não..*” – Era a voz dela, dengosa.

Ele decidia-se. Nesse dia, por exemplo, entrou no quarto sentindo-se remoçado em mais de vinte anos. E não pôde esconder a alegria de ver a cunhada deitada molemente na rede passada, perna e coxa descobertas, a fingir impulsivo abandono.

– Que é? quem me deseja?

– Chame meu nome. Adoro.

E ele:

– Neuzinha...

– Assim melhora. – Noutro tom. – Vê por aí, homem, acho que perdi um anelzinho de *estima*... Foi por debaixo da rede. Espia direito.

– Pronto! Bem no teu nariz. Ora que coisa!

– Meu Deus, fiquei mesmo cega.

– Diz isso não, criatura!

Ela estendeu-lhe o braço roliço:

– Põe no meu dedinho, Tonho. Põe.

Nisso fez o homem desequilibrar-se e cair sobre a rede. Tudo em curto espaço de tempo, como convém a movimentos sensuais atrevidos. E aquilo, no parceiro improvisado, acenderam-se uns tantos desejos inconfessáveis mas sempre adiados.

Ao vê-lo esboçar uns tantos e tímidos gestos de recusa, querendo-e-não-querendo erguer-se, a moça aplicou-lhe furtivo beijo:

– É de agrado.

Perto de viajar para o interior, metida em receios ela foi procurar a irmã:

– Estou sem jeito de falar uma coisa...

– Que é, maninha?

– O dentista...

– Lhe faltou com o respeito?

– É isso não! – E desabafando. – A prótese ficou mais cara e eu não trouxe dinheiro suficiente.

– Falta muito?

– Uma *ponta!* Por isso queria que a senhora falasse com o Teotonho.

– Fale você mesma. Noto que lhe aprecia muito. E vem a calhar, que ontem foi dia de receber a aposentadoria. E veio com aumento.

– Morro de acanhamento!

– Tolice! Você não vai se arrepender.

– Posso pedir pra ele ir ao meu quarto, ter um particular comigo?

– Isso, se não a empregada ouve e bisbilhota. Quando eu sair, você aproveita.

Teotonho assustou-se ao ver a mulher guiar-lhe a mão por cima do coração, metendo-a na intimidade do decote:



– Veja *meu motorzinho* pulando! Aperte.

Atarantado ele não sabia como proceder. E disse, a voz débil:

– Estou morrendo de vergonha.

– Sim, sim...

Ele tentou retirar a mão dos seios da cunhada, mas foi pronta a reação:

– Não, não, não tire, até eu fazer meu pedido! Quero dinheiro emprestado para inteirar o pagamento do serviço dentário. – foi falando. – Acho que posso contar com o seu favor.

– Sim, sim. – ele aquiesceu.

E envolvente e atrevida, ela reteve-o junto ao corpo, repassando-lhe o perfume que manava do colo. O bastante para o homem se sentir flutuando, solto no espaço, requisitado pela força imponderável de pensamentos malsãos. E sem mais se conter, apertou-a entre os braços em tamanho e repentino contacto que a blusa decotada arreou, pondo à mostra a exuberância cariciosa do peito morno, a que tanto aspirava.

Neuzinha não demorou a partir. Viajou com o mesmo vestido vermelho.

Foi-se. Seguiu cheia de sorrisos, a prótese perfeita, os dentes alvos e alinhados, cintilando a cada riso.

Tudo valeu para contentá-la, de principal o dinheiro emprestado e logo transformado em doação de família.

Por quase um mês não era a Belinha mas a cunhada que o homem desfrutava na cama.

Pelas manhãs, ao se levantar, reincidia no desejo de outra vez tomar realidade os bons momentos vividos antes.

E a até perseverava procurando brincos, alianças, coisas assim que pareciam continuar rolando para debaixo dos móveis.

# O PESADELO



**E**nquanto o marido arrumava os artigos de venda – sabonetes, pentes, vidrinhos de perfume –, Madalena (a mulher já alcançara os cinqüenta anos) mexia-se na cozinha, sentindo que qualquer dia o telhado desabaria em sua cabeça, de tão rebaixado andava; e ia tocando o fogo para aprontar o café. Antes – e por iguais instantes, sem ao menos ela perceber ou querer – chamavam-na Madá, e em verdade sentia-se mais disposta, era mais jovem, e o marido esperava a convocação para o emprego de cobrador de ônibus. Não obstante a ocupação exigir muita atenção, todo mundo sabia a sobra diária do troco, um miúdo que engordava o ganho. E a tanto o tempo deu em correr, os dias se escapuliram, e de repente a família cresceu, dois meninos e uma menina, com o dinheiro sempre curto, as doenças não deixando de bater à porta, gripes de durar semana. Quando ninguém ficava no quarto, sem poder sair, era erguer os braços, festejar o milagre...

– Anda, anda! Não quero ver ninguém deitado. O café está no ponto. Tragam os canecos. Meu Deus, vocês passam da conta.

Ao filho de oito anos:

– Passe água no rosto. Na certa se deitou ontem, sem se lavar. *Vocês* nunca aprendem a lição! No meu tempo tudo era diferente.

Vendo o marido desperto, o cigarro fedorento pendente do lábio grosso:

– É bom levar os meninos com você. Se danam o dia todo, meu coração só falta se despedaçar... A cada carro que passa na rua, me assusto.

– Minha luta na cidade é grande. Se presto atenção a menino, deixo de vender. A concorrência hoje aumentou com esses *troços* importados do Paraguai. Já foi melhor!

– Queria que você visse a danação deles! É o dia todo. Tire um dia de folga, de prova, e fique em casa para ver a minha luta. Pode-se viver assim?

– Lhe adverti: “mulher, tome a pílula...” – Ia ao posto, todo mundo já me conhecia... Tinha? Ia chegar, me diziam. *Volte depois...* E eu voltando, e você me

*procurando* Segurou o filho maior que tentava servir-se outra vez do café:

– Estará doido? Não vê que aqui não é coisa de governo? Se aquiete! Fica comigo mas não vai malsinar por aí. Ontem morreu um menino. Da sua idade.

À porta, sobraçando a maleta das mercadorias e o expositor de vendas, o homem despediu-se:

– Tomo pela boca da noite. Se atrasar é por causa dos ônibus. Agora com essa tal de passagem única a gente sofre...

Ela sentou-se no tamborete, achando o café água pura. E’ intimamente renegou a vida que lhe coubera. Ainda podia estar empregada em casa de família rica agüentando abuso, mas tendo dinheiro para freqüentar a quermesse. Sorriu; em seu tempo não tinha o tal forró, as danações eram outras... E centrou o pensamento na filha. Botava corpo de mocinha, chegando aos treze, e já querendo ganhar a noite, vestir a *mortalha*, a tal fantasia do bloco carnavalesco. Era o marido rico?

Quando se levantou os meninos tinham desaparecido.

Luminosa a rua a sol aberto. E aquela voz, a da filha a bater perna pela casa da vizinha, atrás da amiguinha... Ah, como tudo se alterara no tempo! antes – reingressou em dias mais distantes – as coisas corriam diferentes. Valia a frente da casa, a calçada... Qualquer menininha sabia *pulara macaca*... Era feliz e não sabia!

Mais tarde havia botado o feijão no fogo quando a rua se alvoroçou. Ela acudiu a ver o que se passava e a vizinha explicou:– Um menino, ninguém nem viu como aconteceu, caiu *indagorinba* da carroçaria do caminhão do lixo. Foi horrível, dizem. Tem muita gente lá, perto do asfalto.

– Meu Deus, meus meninos andam por aí!

– E não é por isso que também estou aflita?! Os meus se largaram cedo. Não param mais em casa.

– Já estou suando frio, me sentindo mal.

– Entra, vem beber água com açúcar. – Quero mesmo.

Começou a chorar, a outra esclarecendo:

– Isso é bom, bota a *reuma* fora. Nessas horas choro é remédio.

Serviu-se da bebida açucarada, a se sentir mais aliviada. Afinal – começou a falar dolorida – estava ficando velha, o coração já não suportava os tropeços da vida. Em desconsolo, acrescentou:

– A idade pesa... Mais que isso, malvada corrói o nosso viço. Nisso perdemos às vezes até a maneira de sentir as coisas...

– Você tem razão.

De repente, a outra percebeu:

– Meu Deus, deixei o feijão no fogo!

Antes de voltar para casa, pediu: se a vizinha soubesse de alguma notícia do sucedido, avisasse.

– Ando tão fraquejada por esses dias...

Davam as onze horas quando a amiga chegou à porta de D. Madalena para informar:

– O menino do desastre quebrou só um braço. E morava longe daqui, de onde veio pendurado no carro do lixo. Dizem que o programa policial da rádio vai contar tudo. Liga pra ver!

– Vou estar atenta.

Ficou aguardando, toda receios. Ninguém chegava para almoçar.

De surpresa a porta abriu. Era a filha – Mamãe, posso ir até a cidade? É com a costureira, ela quer uma menina pra ajudar. Diz que me dá um agrado.

– Vai nada! Você vai se perder!

– Mãe, a mulher está me esperando. Tão boazinha! E precisa de mim. Deixe.

A outra fraquejava. – Fico nervosa.

– Deixe.

A mulher tentou ainda demovê-la da idéia mas acabou concordando:

– Sou mesmo uma tola...

Com mil recomendações acompanhou-a à porta. Para a costureira aprontava instruções:

– Criatura, não largue minha filha! O mundo está cheio de doidices. Só vejo notícia de mocinhas que desapareceram. Confio na senhora.

– A gente se cuida bem.

– Vão com Deus.

Foi abrir o rádio. Na relação *dos que dormiram e acordaram no xadrez* imaginou ter ouvido o nome do bodegueiro da esquina.

Demorando os filhos, decidiu almoçar. Preparou o prato, assaltada ainda pelas mesmas preocupações. Difícil su-

portar aquela vida por muito tempo... Todo dia o *filme* era o mesmo: meninos ausentes de casa, a filha indo à rua, de companhia para alguém, e o marido tentando vender as bugigangas. E ela? Bem, ela acorrentada em casa, indisfarçável prisão. De certo não merecia tanto infortúnio! Ah, podia ter tido outro destino! Merecia. E se remetia para o passado, a se ver de tranças, metida em vestidinho engomado, a mãe mandando botar o baralho para saber-lhe o futuro. Em casa os avós teciam-lhe radiosos dias, casamento festivo com direito a sermão do padre, e o noivo... Todos queriam! Tocado da banda de música da Polícia. Era garboso, sabia tocar clarinete e falar umas tantas frases bonitas que mais pareciam letra de canção de amor. Ainda saíram juntos, passearam pelos bairros, *navegaram* em barquinhos de quermesse, foram ao cinema, a mão dele tentando tocar-lhe os seios miúdos.

Ah..., estremece. Tudo tão bom! A própria avó gostava de repetir: “Minha filha, casamento é loteria... Nunca se sabe direito a quem vamos pertencer...”

Já depois dos 25 anos que diziam ser o *segundo tiro da macaca*, viu não mais poder aguardar o jovem militar receber promoção, para casar. Foi aí que surgiu o Felício, a mesma idade, biscateiro, sempre esperando o *chamado* importante de político amigo, e assumir emprego prometido havia anos...

Levantou-se da cadeira em que se derreara, a divagar, e foi. preparar os pratos dos filhos. Não tardariam mais...

O locutor do programa policial gritou:

– “Atenção. Seqüestrada a linda garota.”

Largou os pratos, derrubando comida ao chão e se plantou diante do receptor, o coração disparado.

– Não, não .pode ser minha filha!

Não era. Quem carregaria filha de pobre?

Pôs-se a varrer o chão, a arrumar os pratos-feitos na chapa do fogão. E voltando sobre os mesmos passos, parou diante do espelho da sala. Melhor não se ter analisada assim. “Aquilo”, aquele rosto chupado não *podia* ser o seu... Baixou os olhos. Cadê os peitos que um dia alvoroçaram o soldadinho da banda? Ali, naquela visão recortada mas dolorosa, estava o resumo de sua vida desperdiçada. Ah,. se previsse esse resultado teria adiado o casamento, agüentado o *terceiro tiro da macaca*...

– Meu Deus, virei bruxa! Desalentada, valeu-se da cama para repousar um pouco, ganhar uma trégua. E sem se sentir pegou no sono.

Nesse meio tempo as crianças estiveram em casa, comeram, tomarem água e saíram novamente. O maior ainda propôs:

– Bom a gente acordar a mamãe.

– Acorda não! Ela parece tão feliz, dá até a impressão de estar sorrindo...

– É mesmo.

– O rádio fica aberto?

– Fecha não! Melhor deixar assim. Dá pra pensar que tem muita gente em casa...

Saíram sorrateiramente.

O mundo andava pela metade da tarde. O sol descambara deixando sombra nas calçadas. Por isso surgiam mulheres à porta das casas da vila, e os garotos, em mutirão, tomavam apostas para a partida de futebol que pretendiam. Homem idoso, a repousar numa cadeira de espreguiçar de listas vermelhas em branco sujo, alteou a voz:

– Vão jogar a merda dessa bola noutra lugar!

Quando chegou do trabalho, Felício estranhou. “*Abandonaram a casa... Saiu todo mundo...*” Fechou o rádio, aborrecido, e foi à procura da esposa na cozinha. Aí também não



encontrou ninguém. “*Meu Deus, o que terá havido?*” Então se lembrou do quarto, tocado por pensamento indesejado de deparar a mulher desmaiada, ou morta...

Mas qual! Ali estava a esposa deitada na cama, imersa em profundo sono, sem perceber que ele chegara.

– “*Madá “.. – Chamou, e logo imaginou. – “De tanto trabalhar, acabou pegada pelo sono...”*”

-Madá Madá... – tentou novamente despertá-la, pondo ternura na voz.

A impressão é de que ela se mexia, querendo acordar.

– Madá – insistiu. – Madá!

A mulher abriu os olhos, assustada, mas muito assustada. Não era o marido que pretendia ver.. Por isso, foi-lhe impossível reter o grito.

Não obstante o homem insistir, reconfortando-a, a explicar que tudo estava em ordem, nada foi suficiente para fazê-la sentir-se outra vez segura.

Estremunhada, ergueu-se da cama, mas antes, bastante preocupada, tratou de recompor o vestido na porção do decote que continuava repuxado como se o tivessem descido à força.

E indiferente às palavras de ponderação, que ouvia, seguiu em direção da cozinha.

Ele acompanhou-a, aos gritos:

– Madá, escute. Fique!

Não, ela não desejava que a vissem naquele estado.

Queria arredar-se, e se possível até fugir, contanto se desgrudasse do soldadinho da banda de música, que, de longe, muito ousado, muito atrevido e desejável, viera tomá-la adúltera.

**OS GORDOS E  
A MAGRA**



A família tinha, de modo inquestionável, tendência para engordar. Desse modo a desculpa ou explicação quando contemplados por estranhos, e, de modo enfático dito para atenuar a impressão causada pelo exagerado volume físico a recortar o perfil enxundioso de seus membros mais idosos.

Assim sucedia com os Berodine, que se tinham por descendentes de italianos e já desde pequenos a despertar a admiração de quem os via pela primeira vez, não podendo deixar de exclamar:

“– Que criança parruda! uma fortaleza!” Elza saíra diferente; a única magricela do ramo Berodine, e por isso mesmo nunca chegaria a esquecer a avó Beatriz, imensa em seu corpanzil e alimentada por extravagante e perseverante apetite, sempre muito disposta a *beliscar as comidas*, como dizia em falsete, mas devorando tudo que lhe chegasse ao alcance.

A mulher deixara de locomover-se quando alcançara os setenta anos, e por esses dias, os dos anos oitenta ora recordados, resignava-se a permanecer deitada ou sentada em imponente mas exagerada cadeira, feita por encomenda, com os braços bastante afastados’ um do outro, para que entre os dois pudesse acomodar todos os dias tamanha montanha viva de carne e apetites, sempre empoadada e almiscarada.

Elza só se deu conta do problema desse exagero de gordura posto no corpo da avó, que parecia sugerir enorme pacote de gelatina a escorregar, fugindo, pelos panos frouxos do vestido, quando a dado momento, alguém de modo irreverente, comentou segredoso:

“Meu Deus, quando a Beatriz morrer vai ser uma luta para encontrar caixão capaz de receber tanta banha desnecessária...

Mas dando de correr o tempo, os de casa, também adiposos, pareciam não ter levado a sério aquele comentário que, observado bem, não estava muito longe da realidade caso a avó sucumbisse com todo o corpo.

Por esses dias, Elza vivia pelos nove anos, idade pouco explicada por Freud, creio, mas na verdade transitando por dias em que a criatura humana tem os seus sentimentos frágeis e mais sujeitos às pressões dos adultos, pois nem tudo que ocorre é convenientemente explicado às crianças.

Desse modo houve noite em que a tentar dormir, a menina lutou bravamente para não se deixar esmagar pelo corpo da avó, que deixando o seu dormitório viera meter-se-lhe na cama exígua e mal sustentada por frágeis pernas de palito, móvel de nenhuma confiabilidade a toda certeza. A cama rangia, as molas estalavam ou se partiam estralejando.

Por mais que pelejasse, a menina não podia reconciliar! o sono, que, ali a seu lado, ou por cima dela – como é difícil definir um pesadelo! – parava a avó inteiramente despida, os seios enormes quais reforçadas abóboras das que agricultor mentiroso alardeia. E as pernas da mulher – o que tomava a cena mais confusa – não conseguiam abrir, pois teimosamente se mantinham unidas como duas bananas imbricadas das que repugnam às grávidas comer, a receio de parir gêmeos.

Só isso? Seria contar pouco. Na verdade as duas pernas acabavam resumidas a uma só, volumosa e tão branca como se alguém a tivesse pescado de enorme caldeirão de leite.

Mas os fatos às vezes não acontecem como previstos.

Em determinada época, muito depois desse e de outros pesadelos assemelhados, – e Elza acredita que essa é rememoração dos dias de 1980 –, a ávida boca da avó, que deglutia tudo em grandes quantidades (de certa feita compararam-na a Balzac, que em restaurante francês, depois de comer cem ostras bem temperadas, repetiu duas vezes o prato principal...) já não se entusiasmava pelos docinhos confeitados com açúcar cristal ou calda de chocolate, que tanto apreciava.

Desde esse momento ficou esclarecido não ser mais necessário convocar os empregados da casa (dois ou três de cada vez) para aluírem a velha senhora da cama, pois tamanha imensidão de mulher não se animava a abandonar mais a sua já agora aziaga horizontalidade.

O desmonte desse corpo demorou; veio experimentando transformações a vagar, pouco receptíveis no transcorrer das primeiras semanas. Mas em progressão o desgaste foi aumentando o que já podia ser notado de um dia para o outro. Primeiro os de casa custaram a entender que a “gorda” mais ilustre dos Berodine não inventava, e que algo alarmante estava acontecendo com ela.

Veio o médico, homem também gordo e loquaz que por anos a fio tentara exigir de sua paciente o cumprimento, pelo menos parcial, de alguma elementar dieta de perder peso. Não achou o quadro clínico bom, mas calou, preferindo não arriscar o doloroso diagnóstico firmado em suas reflexões. Olhou bastante a paciente e certamente preferiu esconder a verdade, pois mentira em qualquer circunstância, para doentes terminais, é um blefe admitido por todos. Mas

como o mirassem todos, resolveu dizer alguma coisa e então recomendou:

“Ela precisa comer bastante, de hora em hora. Não se descuidem, que de modo algum pode emagrecer...”

Elza, nesse mesmo dia da visita do médico, completou doze anos. Mas foram tantos os desgostos em casa que ninguém, mas ninguém mesmo, nem a mãe, lembrou dizer-lhe alguma frase afetuosa das que encorajam a pessoa ir adiante, cheia de juventude e saúde.

Fazia um dia de estranha opacidade, o sol escamoteado em nuvens que deviam ser muito escuras, e pesadas, o que já podia significar a alteração meteorológica tão desejada por todos, até por ela, que se imaginou caminhando na chuva, livre daquela opressão doméstica dos gordos.

E quando a avó morresse, de que tamanho seria mesmo o caixão? O tempo estaria assim triste? Desabaria alguma chuva? Tantos e confusos, os pensamentos da menina.

Na verdade os de casa entendiam que a doença, **aque-la coisa** não seria capaz de destruir a fatura de gorduras acumuladas ao longo de sete décadas. Mas por dentro, insidiosa, a moléstia, sem que percebessem, – pelo menos nos primeiros meses – ia comprometendo a enferma, minando-lhe as forças, prostrada na horizontalidade abjecta. Mais dois ou três meses dava para olhar e ver; estava ali menos de uma pessoa, metade da que fora, ou nem isso; espécie de figura praticada por requintada maldade de filme de terror.

Nessa exata ocasião alguém que nunca leu os direitos da criança e do adolescente conduziu a menina pela mão para ver a avó, dizendo-lhe em voz baixa mas autoritária: hora de se despedir e compreender que dentro em breve ficavam todos sem a grande dama da família, a mais bondosa das mulheres.

E a menina, medrosa, mesmo querendo olhar e ver, viu apenas aquele vulto – que comparou a uma montanha – envolvido por grande lençol amarfanhado, mas não branco como deveria ser, que descendo do leito se despejava no assoalho como algo que de repente se derrama inútil.

E viu então como era difícil alguém morrer, mesmo quando os que estão à sua volta já não agüentam ministrarlhe os remédios e lhe dizer palavras convencionais.

Foram-se mais alguns dias e afinal D. Beatriz esvaiu-se, foi-se de modo tão sereno e menos ruidoso, que a filha mais velha, mãe da menina, ficou a insistir para que “a gordinha querida” não deixasse de tomar o remédio de aliviar as dores...

Houve algum choro, mas não bastante. Não se pode dizer que foi suficiente, pois os gordos cultivam a extraordinária capacidade de esconder suas lágrimas.

A mãe de Elza deixou-se ficar numa cadeira, também enorme, como se não acreditasse que o esperado afinal acontecera. E as outras irmãs e mais o irmão engenheiro, que havia chegado do sul, iam e vinham dentro de casa em passos e ações tão vagarosas que, a depender deles, o enterro só sairia dali a alguns anos.

Elza, coincidentemente, nesse exato dia entrou na quadra dos treze anos. Não era dia de acontecer **aquilo**, mas sucedeu de tornar-se mulher, circunstância que a fez entocar-se no banheiro onde permaneceu longos minutos sem saber como agir, mas consciente de que precisava assear-se, e abandonar o cômodo.

Ainda nauseada e bastante assustada procurou alguém com quem pudesse repartir suas dúvidas, mas a própria prima gorducha que encontrou não a encorajou a nenhuma declaração.

Aproximou-se da mãe, e quando arrumou umas tantas palavras para contar o que acabara de ocorrer, já pronta para

falar, a senhora impôs-lhe silêncio com a gorda mão esquerda, enquanto com a direita, pesada de anéis de ouro – que dali não sairiam mais nem com espuma de sabonete –, voltou a servir-se do prato de aveia, avisando:

“– Estou me fortalecendo, se não me acabo”.

Chovia. Tinha de chover, admitiu Elza, pois chuva, como nas boas fitas de cinema, não podia faltar a momentos de maior intensidade dramática.

Sentou-se na primeira cadeira que encontrou.

Não estava triste nem ressentida pelo desprezo que lhe davam. Os gordos – comprazia-se em aceitar – não gostavam mesmo das magras...

E a mulher que há instantes atrás acabara de revelar-se dentro dela, ou em seu corpo que mudava, elegeu para sua interlocutora privilegiada, a quem de modo solene jurou jamais engordar e perseverar para nunca integrar a galeria de figuras surre alistas da família.

Calada, mas obstinadamente curiosa, ficou aguardando o caixão do enterro, peça de madeira ansiosamente esperada por todos. “Teria mais de dois metros?” – “Quantos cavalheiros seriam necessários para conduzi-lo? – “E as alças’ de segurar? seriam de aço polido ou bronze?”

Surpresa para todos, inclusive para ela: veio simples o caixão, tão apoucado que mais parecia próprio para moça virgem.

E não era azul.



# O TAMANHO DA DOR



**E**ra muito difícil mas já se ia acostumando com a casa vazia, sem a mulher que se esvaíra como devem morrer os passarinhos cansados de desfrutar a vida. A cama tinha lugar demais para uma pessoa já agora, e faltava tudo na casa, principalmente voz feminina cobrando arrumação das coisas. E ficara aquela sensação de vazio que, a pouco e pouco, foi significando dor, algo que ao longo de sua existência ele chegou a experimentar sob várias feições: em tombo desastrado, qual o sofrido a descer do automóvel, em dia de muita chuva, a tropeçar no meio fio; de outra feita acometido de crise aguda de apêndice, a mulher gritando “é séria! a coisa é séria!”, e assim levado à pressa ao hospital mais próximo; e depois atingido no rosto por estilhaço de vidraça partida, disparo de inesperado foguete na comemoração da passagem do ano. Mas agora, do jeito que chegara lhe tomando o corpo, pressionando os nervos como se o alfinetasse a toda hora, era dor diferente das demais, dor de sensação pela ausência definitiva de alguém a quem muito se deseja, apesar de truncamentos, ainda que raros, ao longo do percurso do casamento bem sucedido.

Acertados os compromissos achou-se em estado de alguém espeznhado, a considerar a dor vivida, tão grande, que se algum jornal promovesse concurso, para premiar a quem mais sentisse dor, ele ganharia de certo, pois ninguém

trazia o coração tão dilacerado por causa da perda experimentada. Mais grave em sua situação, a atingir idade de pouco entusiasmo e forças para compartilhar a existência com outra mulher, o que já configurava outro drama. Restava só, bastante só e resumido à sua dor, dor mais que dor e sem hora de acabar.

Então decidiu sair de casa, visitar os amigos, antigos companheiros que só de raro em raro eram vistos por ele, e assim mesmo de modo fortuito... Precisava encontrar alguém com quem conversar, que filhos não tivera do casamento, mingüado assim de convivência com criatura amiga, íntima, a quem se dirigisse agora, a repartir-se, contando como vinha vivendo os últimos tempos...

Marcou pelo telefone a primeira visita, mas teve de se esforçar bastante para compreender o que o outro lhe dizia, de voz débil. Vagamente compreendeu que o amigo não fora bem sucedido na vida, as coisas não tinham corrido bem, mas julgou toda a história que ouviu como simples encenação de alguém que não queria apresentar-se totalmente vitorioso na vida... Mas ao final do diálogo, estava acertado o encontro depois de mais de vinte anos...

No primeiro domingo lá estava à porta de velho casarão, esperando o atendesse alguém. Foi recebido por senhora idosa a se queixar de reumatismo, verberando contra o mundo que estava a toda certeza ficando com o clima cada vez mais diferente... O amigo já o esperava em sombria sala; pouco iluminada, como se não desejasse ser visto com nitidez. Não lhe estendeu a mão, mas o fez sentar perto, um pouco distante para visita, e explicou:

– Vejo que você continua forte, mas eu estou arruinado...

Tinha uma doença estranha – contou – de pele, algo terrível, que em tempo de muito calor como fazia por então,

o corpo ameaçava abrir-se, chagar-se. Para não incomodar, dormia só no quarto Mas isso, disse cortando a própria explicação em que perseverava, não interessava muito... Querria, isso sim, saber como era enfrentar a viuvez.

– Com dureza... Você sabe. O outro manteve-se calado por algum tempo, instante em que todos puderam ouvir o soar das horas de um relógio antigo, desses que ressoam vagarosos, e só então explicou: quase na mesma data, coincidentemente, perdera o único filho.

Acrescentou: “meu médico”, e sabia me tratar. Não pude ir ao enterro. Você sabe, esse meu aspecto...”

Foi a vez de Vasques apurar a vista e redefinir-lhe a figura. Como devia padecer! A porção dos braços evadidos do lençol parecia porejar um quer que fosse de tecido gangrenado... E o nariz, a avançar por entre dois olhos roídos, era um boião disforme lembrando – Vasques imaginou- se cruel – algo como um pedaço de lingüiça assada.

E confessou:

– Vim aqui pela urgente necessidade de lhe contar o meu sofrimento, ah meu Deus, tão só, sem conhecido, sem vizinho amigo!... Aí me lembrei de você... Era tão cheio de vida...

– Você diz bem *era*... era assim, afável como falam os cronistas sociais. Nem gosto de lembrar, que vem ... não é dor, é a desolação. Já me acostumei. – E certamente querendo mudar de assunto – Estou feliz de vê-lo intacto. Já se operou da próstata?

– Não, não... Ando com boa saúde. apenas, você compreende, a morte de minha esposa foi um desastre, e acabou comigo. Ah, meu Deus!

Depois de um momento lembrou de perguntar:

– E D. Helena, sua esposa? Continua charmosa, e dona do mesmo sorriso encantador? Como sabia sorrir!

O outro demorou a responder. Se estivesse mais próximo, Vasques poderia ter percebido que ele olhava mas via distante pela janela aberta que dava para um fundo de quintal onde cresciam árvores movimentadas àquele instante pelo vento. A impressão é de que acabara de tocar em assunto interdito, situação que não devia nem podia ser esclarecida.

Nessa hora o enfermeiro, ou alguém que cuidava do dono da casa, acudiu com um copo d'água e talvez uma drágea. Foi isso que o salvou de contar a verdade sobre a Helena lembrada ali, mulher que sem ninguém pressentir, depois de jantar, à noite, ausentou-se para nunca mais voltar... Não havia como explicar a ocorrência insólita, mas quando estava de bom humor costumava confidenciar: “Foi-se a ingrata, e me deixou sangrando...”

Vasques cuidou de se erguer da cadeira, a pretexto de também ver a paisagem que flutuava na noite que chegava, e como se tudo aquilo o constrangesse, anunciou:

– Já lhe cansei bastante. Vou andando para casa. O outro parecia ignorar o remédio, a presença do enfermeiro, as árvores que balançavam fora. O que tinha a dizer, não podia. E cansado, e vencido, sugeriu:

– Demore mais. – Posso não.

Caminhando para sair da sala, na direção da porta da rua, ouviu o outro insistir:

– Venha mais vezes, me deu alento. Vasques ia distante para responder, a senhora idosa qual uma múmia, silenciosa e triste, deslizava em seu encaço. Foi ela quem fechou a porta, murmurando duas ou três palavras de cortesia convencional.

Vasques tinha mais a quem ver no dia seguinte, dois ou três outros amigos. Valeria a pena? Estava agora mais confuso do que antes. Causara-lhe um grande estrago a visão do amigo sucumbido pela doença maldita, e além de tudo... só, sem

o filho, sem a mulher, a charmosa dama como disse, e que sorria bonito não apenas para o marido...

Meu Deus, podia-se pesar, medir a dor?

Abriu as janelas da sala. Queria ver a rua iluminada, sentir as pessoas passando na calçada, absorvidos todos pela ruidosa noite.

Tornou a repensar: dor tinha peso? Tinha? Seria fácil dimensioná-la? A sua, seria maior ou menor da que vira, àquele fim de tarde, desabar sobre o amigo?

Pela primeira vez, depois que perdera a mulher, foi deitar-se duvidando já agora do tamanho de sua própria dor.

A CARTA  
ANÔNIMA



**F**eita a carambola, Matias afastou-se da mesa de bilhar, para encostar o taco na parede do bar do Zé Taberneiro. Tomou a reclamar o calor, e andou depois até à porta a pretexto de se refrescar. Mas queria só prolongar a partida, a mais motivo, por menor que fosse, para maldar da vida alheia.

– Então... – falou para que todos o ouvissem no estabelecimento – já sabem quem é o homem?

Quem saberia? Os parceiros da hora não conheciam o magricela de barba cerrada, ocupando desde o mês passado a casa onde até bem pouco residira a viúva Marques. Esta, logo falecera o marido alcançado por cruel enfermidade, dali se fora como se a rua tivesse perdido, em razão do bar e bilhar, sua tradicional condição familiar. E a tanto cedeu o imóvel, por uma ninharia ao mês, àquele inquilino esquisito e que jamais viera visitá-los.

Matias exprobrava o comportamento da viúva, a seu pensar reles ingrata, desafeiçoada do quarteirão e vizinhos. E se dizer que era ela a quem ele, ao final das tardes, dando pausa ao jogo, como acabara de fazer, saía à calçada a ver o movimento da rua.

Depois de um momento, enquanto acomodava o sexo suado dentro da calça apertada, retomou à mesa para ver o que fizera o seu parceiro.

Zé Taberneiro, diante do pouco movimento do negócio, tinha abandonado o balcão. E na caminhada que fez não



largou o pano encardido com que, andando, ia enxugando os tampos de mesas, encervejados. E confidenciou:

– O morador da casa da viúva Marques, desculpe a minha sinceridade, é cabrinha pretensioso. Se duvidar, será o primeiro a assinar o abaixo-assinado das beatas pedindo o fechamento do meu estabelecimento.

– Não quer se misturar com a gente! Na certa pensa que somos todos desocupados, cuidando de fazer o mal. Não gosto desses tipos! – observou Matias, a se fingir infarado da conversa, pediu – Me dá outra meota!

Sentou-se à mesa de ferro da entrada, lugar privilegiado de onde podia vigiar os movimentos da rua. Ganhava bons trocados em aposentadoria – gostava de alardear –, o tempo contado em pelo menos duas prefeituras do interior, mas sem mutreta. Jactava-se de ser maçom, o que justificava não freqüentando a igreja.

O dono do bar já ia destampar a garrafa, quando a voz do outro sibilou:

– Essa bicha tem cara de *choca*.

– Tirei indagorinha do congelador – justificou-se o outro.

– Só vendo! Quero minha mão nela.

Apalpou a garrafa, a lhe tomar a temperatura. Depois, satisfeito, confessou-se equivocado.

Mas interessado acompanhou a espuma crescer vagarosa no copo, para em seguida, a se desanimar, ir baixando lentamente. Zé Taberneiro comemorou:

– Não lhe disse?

Contentado com o primeiro gole, a estalar a língua, o freguês confessou:

– Dessa vez você acertou. Boa demais!

Ficou espiando vagamente a rua. De repente, estirou o pescoço tentando identificar a pessoa que caminhava pela calçada do outro lado.

– É o Dr. Anastácio?

– Ele mesmo – confirmou o taberneiro, acumpliciante.

– Hum... Vê-se que anda muito interessado em visitar a paciente. Estou desconfiando disso há dias... Fosse eu marido da senhora, que dizem estar doente, tinha já tomado providências. Mas o coletor, todo mundo sabe, é um débil mental. Depois de ver o médico afastar-se indiferente, sem se deter e nem ao menos olhar para onde ele estava:

– É um conquistador lascado! Não respeita nem mesmo as mulheres em sofrimento... Aqui só na cidade, já sé aproveitou de mais de dez mulheres.

O relógio em formato de oito alertou a todos que o mundo andava pelas dezessete horas. Da serra, em que já se enfloravam os paus-d’arco, descia sobre o casario e a rua cariciosa brisa, enquanto o cheiro de jasmim do Pará, da casa vizinha, tomara-se mais ativo. Foi quando Matias pediu mais cerveja.

Como da vez anterior repetiu a idêntica encenação, a apalpar a garrafa, a duvidar veemente estivesse o líquido gelado a seu gosto.

– Pode segurar o gargalo, chega “tá” branco do enfriado...

– Está bem no ponto! Agora, ao que me interessa, quero saber se o padre passou para a igreja. la acompanhado da beata?

– Passou só.

– De batina?

– Nem sei...

– Esses sacanas depois do Concílio só querem bancar os machões. A Igreja, seu Zé, não sei aonde quer chegar, nem se vai chegar aonde quer ir. Por isso não acredito em mais nada. Tenho lá mulher pra, se confessar ao pé desses marotos! De mim, não recebem a menor consideração.

Interrompeu-se, para reabastecer o copo.

– Fiquei em que parte da conversa?

– No padre, em mulher se confessar...

– Pois é isso, e esse padrego nem daqui era! Veio só para se meter com os problemas da gente, querer ensinar. Isso precisa mudar. Nunca vi tanta coisa fora do lugar. Ah, que cidade infeliz! Moças sem honra, casadas adúlteras, um padre amancebado, comerciantes ladrões, prefeito aproveitador... E o que faltava, chegou: o doutor, falso humanitário, no fundo a se aproveitar da mulher do homem.

Parou. Fingiu arrepear-se da proposta que desejava fazer, mas acabou perguntando se o dono do bar tinha coragem de escrever uma carta anônima.

– Anônima? – assustou-se o outro.

– Que é? Se horrorizou como se eu o tivesse chamado de doido? Foi isso? Está me estranhando?

– Carta anônima... mas pra quê?

– Pra denunciar o infame desse doutor! O coletor precisa e deve tomar conhecimento de que o finório está interessado demais na esposa.

– Matias, me meti uma vez em negócio parecido com o que você propõe. Me dei muito mal.

– Você é frouxo! Não vê que garanto!

– Tenho cá meus receios...

– Faz pena. Por isso é que o nosso cantão não vai para frente. Olhe Zé, terra que não tem jornal, tem, de ter carta anônima. Que mal tem isso?

Parou para respirar, mas quis saber quem havia passado na calçada enquanto despejava a bebida no copo.

– Foi o doutor voltando.

– Voltou cedo, não demorou nada. Parecia desconfiado...

Do interior do prédio alguém cobrou a presença do dono do bar.

– Espere! Mande alguém tirar os *cascos*... Detesto garrafa vazia encostada em pé de mesa. Daqui a pouco vão dizer que tenho a língua grande porque bebo muito...

Penetrou no edifício. Desadorava também assistir ao esfregado do pano, já encardido, no tampo da mesa. Foi quando percebeu ter-se ido tarde... E se disse a si mesmo: – *pelo final do ano, o dia ainda vai claro mas é noite.*

– E a carta? – indagou, voltando sobre os passos, pisando forte.

– Que carta? – respondeu o outro, fingindo não ter ouvido a proposta.

– A carta anônima. Amanhã, venho mais cedo para tratar desse assunto. Entendido?

– Homem, desista disso!

– Deixe o problema comigo. Ninguém vai descobrir que foi você quem disfarçou a caligrafia. Não há mal em fazermos essa obra de caridade, alertar o coletor. Você acha certo o médico entrar na casa de cidadão honrado, e *ferrar* a mulher dele? Acha?

Arrotando choco, reclamou aborrecido:

– O tira-gosto de codorna não *desceu* bem.

Na calçada, depois de pagar a conta: – Como é, Zé?

E o outro, tímido, desajeitado: – Amanhã a gente conversa.

Em sendo uma segunda-feira, dia de pouco movimento no bar, Matias considerou calhar como dia para a redação da carta. Ele próprio se encarregou de arranjar a folha de papel ofício, destacada do bloco de memorandos da Prefeitura, cuidando antes de eliminar o brasão do município. Ao dono do bar, que resistia valentemente, asseverou:

– Assumo toda e qualquer responsabilidade. Só não escrevo por que a minha caligrafia é manjadíssima...

– Mas isso vai dar encrenca, sinto!

– Deixe comigo. E tem mais. Nós dois vamos prestar um serviço à paz doméstica, à felicidade do lar! – Mas carta anônima... é feio.

– Feio o doutor, formado pela Faculdade da terra do grande Rui Barbosa, aproveitar-se do diploma e prevaricar com a paciente... Aquela demora toda, na ausência do marido, nem preciso ver, é pra amolegar a mulher.

E a pressentir as vacilações do outro:

– Beba comigo, me dê a honra.

Zé Taberneiro passou o comando do balcão ao ajudante, e, relutando, veio sentar-se à banca. Comentou:

– Vão ver a *gente* escrevendo...

– Que tem isso? tanto melhor! Não estamos fazendo nada escondido, apenas com discrição.

– Mas, Matias...

– Coragem, comece logo. – Que data eu boto?

– De ontem, e não precisa tremer a mão.

– Se me afobar eu me levanto, e a carta não sai.

– Está bem, escreva em paz. – E vendo o outro amolecer, tornando-se mais receptível, ajuntou – Bebamos uma nova “loura” tinindo de gelada, dá inspiração!

Veio a garrafa. Matias soprou primeiro a espuma que subia no copo, para depois ir encostar-se à parede. Estava pensando a frase inicial da carta.

– Já botei a data – disse o Zé.

– Bom, bom! Agora escreva aí: “*Senhora Dona Antonieta...*”

– Ei, espere aí.. a carta não é pro coletor?

– Sim, mas primeira nos cabe alertar a esposa... Nisso a matreirice...

– Você pensa em tudo!

– Continue: “*Senhora Dona Antonieta. Estamos seguramente informados que a dona...*” Escreveu? Sim, “*que a dona*

*está se deixando envolver pelas artes diabólicas de seu médico...*” Escreveu? Agora, abra um parágrafo, na outra linha...

“ *Nem pergunte como eu soube de tudo. Sou pessoa amiga do seu esposo, posso esclarecer tudo a ele.*” Botou isso?

– Você precisa ditar mais devagar...

– “*Eu sei que a doença da senhora é pura embromação...*”

– Embromação é com cedilha?

– Claro!

Nisso o Pe. Robério, de batina e ar aflito; estacionou na porta do bar, o que só de raro acontecia. Os dois se assustaram, enquanto Zé Taberneiro, cauteloso, mais que depressa escondeu a carta debaixo do cardápio de tira-gostos.

– Algum problema? – indagou Matias, curioso.

– Sim, preciso encontrar o sacristão... A mulher do coletor, coitadinha, está se acabando...

– O senhor que dizer, morrendo?

– Isso. Tem doença horrível, *aquela*, está só nos ossos...

Bem, vou ver o que posso fazer. Olhem, por favor não conversem alto. A senhora não passa das oito... Ah, uma pena, vê-se mulher até bem pouco tão cheia de saúde, findar-se uma grade de ossos...

Vendo o sacerdote afastar-se, Zé Taberneiro foi tratando de picar o papel em que escrevia, como se acabasse de tirar enorme peso da consciência.

Mas Matias via tudo aquilo com azedume, a cara fechada, sem poder esconder que a notícia o deixara arrasado.

Depois de um momento, desabafou para o outro:

– Você acha que está direito a mulher morrer? Com isso frustra-se tudo! E se dizer que passei a noite, a noite mesmo, estudando o dicionário, um trabalho danado para arranjar palavras como pecaminoso, oprobioso, fornicar, desvario, sem contar um sinônimo legal de chifre, que achei. Agora sem

mais aquela vai-se tudo de águas abaixo! Até parece que você estava torcendo para a carta não sair...

Depois de calar-se por um instante:

– Zé, você sabe o que é chavelho?

O outro meneou a cabeça, em negativa.

– Vi no Caldas Aulete. É chifre.

Meteu a mão na braguilha e segurou o fecho metálico de abrir. Ressabiado foi andando para verter água.

Quando voltou, sentou-se à mesa outra vez.

Estava desanimado, mas tão desanimado mesmo, que ficou indiferente a tudo, esquecido até da cerveja que, insolidária, esquentava no copo.

O dono do bar teve vontade de perguntar se o outro ficara daquele jeito, macambúzio, por estar morrendo a mulher do coletor... ou por ver truncada a vontade de lhe mandar uma anônima...

Mas seguiu caminhando pelo salão a enxugar as mesas, e já começando a entender que *aquilo* no homem, mais que tristeza, era arrependimento.